



Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 126 • Nº 2.147 • Fevereiro 2008

São chegados os **TEMPOS**

*“São chegados os **tempos** [...] marcados por Deus, em que **grandes acontecimentos** se vão dar para a **regeneração** da **Humanidade**.”*



ISSN 1413 - 1749

R\$ 5,00

Veja nesta Edição:

A Gênese – 140 anos

Anamnese do orgulho

Consciência moral. Consciência espírita



Coleção *León Denis*



O porquê da vida

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Com o objetivo de responder a estas questões, o autor fala sobre espírito e matéria, reencarnação, justiça e progresso, entre outros temas. O livro contém, ainda, correspondência inédita de Laváter, cientista europeu, sobre a vida futura; e, ainda, uma novela intitulada "Giovana".



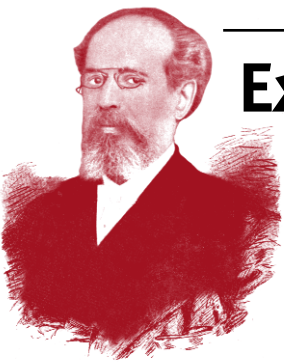
RS\$22,00

O grande enigma



"Nas horas pesadas da vida, nos dias de tristeza e de acabrunhamento, leitor, abre este livro! Eco das vozes do Alto, ele te dará coragem; inspirar-te-á a paciência e a submissão às leis eternas!". Assim escreveu o autor na introdução – "Ao Leitor" – desta obra, que nos fala do homem e da lei do destino.

RS\$25,00



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883

Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 126 / Fevereiro, 2008 / N° 2.147

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Diretor: NESTOR JOÃO MASOTTI

Diretor-substituto e Editor: ALTIVO FERREIRA

Redatores: AFFONSO BORGES GALLEGOS SOARES, ANTONIO

CESAR PERRI DE CARVALHO, EVANDRO

NOLETO BEZERRA E LAURO DE OLIVEIRA SÃO THIAGO

Secretário: PAULO DE TARSO DOS REIS LYRA

Gerente: ILCIO BIANCHI

Gerente de Produção: GILBERTO ANDRADE

Equipe de Diagramação: SARAÍ AYRES TORRES, AGADYR

TORRES E CLAUDIO CARVALHO

Equipe de Revisão: MÔNICA DOS SANTOS E WAGNA

CARVALHO

REFORMADOR: Registro de publicação

n° 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça),

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:

Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)

70830-030 • Brasília (DF)

Tel.: (61) 2101-6150

FAX: (61) 3322-0523

Departamento Editorial e Gráfico:

Rua Souza Valente, 17 • 20941-040

Rio de Janeiro (RJ) • Brasil

Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: <http://www.febnet.org.br>

E-mail: feb@febrasil.org.br

PARA O BRASIL

Assinatura anual **R\$ 39,00**

Número avulso **R\$ 5,00**

PARA O EXTERIOR

Assinatura anual **US\$ 35,00**

Assinatura de Reformador:

Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274

E-mail:

assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: JULIO MOREIRA

Capa: AGADYR TORRES PEREIRA

Sumário

4 Editorial

São chegados os tempos

11 Entrevista: Gasparina dos Anjos de Jesus

O estudo alterou o panorama do Espiritismo no Acre

13 Presença de Chico Xavier

Um irmão de regresso – *Efigênio S. Vitor*

21 Esflorando o Evangelho

Ante a lição – *Emmanuel*

25 Reformador de ontem

A Gênese – *Indalício Mendes*

36 A FEB e o Esperanto

Apresentação de *A Gênese* para o mundo esperantista –

Affonso Soares

37 Cursos de Esperanto na Sede Seccional em 2008

42 Seara Espírita

5 A Gênese – 140 anos – Juvanir Borges de Souza

9 Obra insuperável – Vianna de Carvalho

12 Jesus para o homem – Emmanuel

15 Anamnese do orgulho – Richard Simonetti

18 A geração nova (Capa) – Allan Kardec

22 Um relato, um filme, um romance – Kleber Halfeld

26 Tempos de valorização da vida – Camilo

27 Ao leitor

28 Em dia com o Espiritismo – Consciência moral.

Consciência espírita – *Marta Antunes Moura*

31 A espiritualidade dos animais – Eurípedes Köhl

33 A magnitude da fé em nossas vidas –

Adésio Alves Machado

38 Honório Onofre de Abreu

39 Ouve, coração – Maria Dolores

40 Interdependência dos seres – Ivone Molinaro Ghiggino



São chegados os tempos

Em mensagem transmitida em 1862, constante de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o Espírito de Verdade observa: “Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade”.¹

Passados 144 anos, encontramos-nos em pleno processo dessa transformação anunciada. Tida inicialmente como marcada por dores e sofrimentos, observa-se hoje que ela é caracterizada por uma fase de transição, em que a Terra passa de Mundo de Expição e Provas para Mundo de Regeneração, onde os seres humanos, cientes da sua condição de Espíritos imortais, estarão empenhados em seu próprio aprimoramento moral à Luz do Evangelho de Jesus.

No encerramento do 2º Congresso Espírita Brasileiro, em abril de 2007, em mensagem transmitida através do médium Divaldo Pereira Franco, Bezerra de Menezes anunciou que “[...] o nobre Codificador, aqui presente com as falanges do Espírito de Verdade, está conosco e nos acompanhará neste novo ciclo que se abre até o momento quando o *mundo de regeneração* se encontre instaurado e instalado na Terra”.²

Neste sentido, voltamos à mensagem do Espírito de Verdade, acima citada, que observa ainda: “Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado”.

Conscientes desta realidade, os espíritas não temos nenhuma razão em titubear diante das possibilidades de concorrer para a construção desse Mundo Novo, para as quais estamos todos sendo chamados.

¹O *Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XX, item 5, Ed. FEB.

²Mensagem “Instalação da Nova Era”, publicada no Suplemento da revista *Reformador* de maio de 2007.

A Gênese

– 140 anos –

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Em 6 de janeiro de 1868, portanto há cento e quarenta anos, era publicado em Paris o último livro da série de cinco obras que constitui a base da Doutrina Espírita.

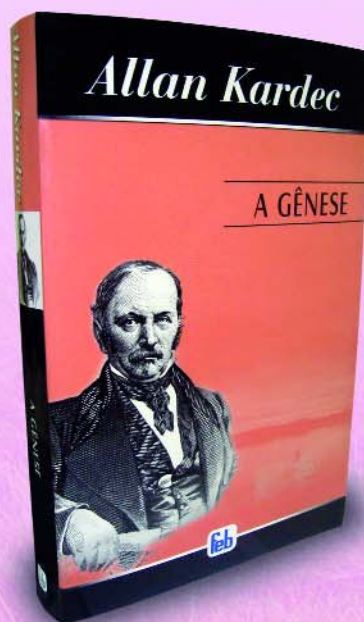
Allan Kardec, seu autor, desenvolve nessa obra um conjunto de importantes assuntos que ficaram sintetizados no título e subtítulo – “Os milagres e as predições segundo o Espiritismo”.

Entretanto, as matérias abordadas nesse livro são de tal magnitude que ultrapassam a síntese do título escolhido.

Assuntos como Deus e a visão dos homens sobre sua existência e natureza, a Divina Providência, o espaço e o tempo, a gênese orgânica e a gênese espiritual, os milagres e sua explicação, a superioridade da natureza de Jesus e o desaparecimento de seu corpo, e muitos outros que induzem à idéia de que *são chegados os tempos novos* para a Humanidade conhecer a Verdade e a Vida, como está expresso no último capítulo, tornam

esse livro imprescindível para o seguro conhecimento da Doutrina Consoladora, minuciosamente exposta nas obras básicas.

Não devemos esquecer que essa obra, que encerra a série iniciada com *O Livro dos Espíritos*, embora escrita e publicada sob a responsabilidade de Allan Kardec, contou com a assistência permanente dos Espíritos reveladores.



É sempre útil relembrar a advertência do Codificador de que, sendo a Doutrina Espírita progressiva, qualquer aspecto da verdade, que se modificar por novos conhecimentos, será por ela aceito, desde que devidamente comprovado.

Essa advertência é importante e nunca deve ser esquecida, máxime em se tratando de uma obra que se ocupa, em grande parte, de conhecimentos científicos, quando as diversas ciências têm modificado seus próprios conceitos por outros, diante de descobrimentos novos, como é comum nos domínios da Geologia, da Física, da Química, da Medicina e de outros conhecimentos.

É sempre útil lembrar também que, dos dois elementos que constituem o Universo, as ciências humanas têm estudado somente um deles – a matéria – não cogitando do *espírito*, o outro elemento, ou força, em contínua interação com o primeiro.

Esse posicionamento das ciên-

cias dos homens, rejeitando a existência do elemento espiritual, traz conseqüências extremamente prejudiciais ao conhecimento humano, por negar uma realidade comprovada.

A Doutrina Espírita, desde que surgiu neste mundo, cumprindo a promessa de que o Consolador, ao ser enviado traria o conhecimento de coisas novas, demonstra a necessidade da correção do grande erro cometido pelas ciências em cogitar somente da matéria, na explicação dos inúmeros fenômenos universais.

Revelação superior, oriunda da Espiritualidade, não há dúvida de que, no futuro, prevalecerá a Verdade, libertando os homens da ignorância que ainda subsistir nos setores mais intelectualizados deste mundo. É uma questão de tempo, já que a evolução, a progressividade dos conhecimentos, é uma das leis divinas.

A Providência de Deus deixa aos próprios homens, Espíritos eternos, o mérito de se convencem por si mesmos, pela razão, no processo da busca das realidades.

Para isso, conjugam-se a inteligência com o esforço individual, a lei do progresso com as experiências das vidas sucessivas em planos diferentes.

Nas leis divinas, justas, perfeitas, eternas e imutáveis, não há contradições. Os homens é que, muitas

vezes, não as compreendem em toda a sua grandeza e extensão.

Assim, as ciências humanas são convocadas a retificar seus conceitos que não se ajustam às realidades. Excluir o elemento espiritual e considerar somente a matéria, na generalidade dos fenômenos universais, é um erro grave que vem ocorrendo há milênios, os quais, na atualidade, com as revelações superiores, deverá ser corrigido.

Destruindo o materialismo, de múltiplas faces, que é uma das chagas das sociedades humanas e que atinge as ciências, estará o Espiritismo contribuindo para o progresso geral.

•

Allan Kardec, quando já havia publicado as quatro primeiras obras componentes da Doutrina dos Espíritos, bem como outros livros e a *Revista Espírita*, resolveu elaborar um vasto estudo sobre as origens do planeta Terra, com base nas concepções resultantes dos ensinamentos trazidos pela Espiritualidade, além de desdobramentos de vários assuntos já tratados anteriormente.

A *Gênese* resultou desses estudos, que abrangem variadas matérias, todas relacionadas à novel doutrina, e não somente ao que o próprio título sugere, bastando

o exame do índice para se chegar à conclusão de que a obra é muito mais rica e abrangente do que esse título propõe.

Observa-se nesse livro, apesar da variedade das matérias estudadas, uma total coerência entre a Ciência, a Filosofia e a Religião Espíritas, não havendo as contradições encontradas nas outras culturas humanas, quando abordam tais questões.

Com essa publicação completava-se a Codificação Espírita. Cumprira-se a missão do Codificador, que desencarnou no ano seguinte.

Na impossibilidade de nos fixarmos em todas as matérias da obra, vamos nos referir a alguns aspectos dos estudos que impressionam pela profundidade e coerência com que são abordados e que se encontram na “Introdução” e nos capítulos I, II e XVIII.

•

Apresentando seu trabalho, o autor se refere à magna questão dos dois elementos, ou duas forças que compõem o Universo – o espírito e a matéria – em ações simultâneas. Entretanto, ressalta, somente a matéria é considerada por muitos pensadores e cientistas, que negam a existência do *espírito*.

Esclarece que o Espiritismo não encerra mistérios, já que tudo que ensina é real e está patente, para que todos possam julgá-lo com conhecimento de causa.

Reafirma que a Doutrina é obra dos Espíritos, com a cooperação humana naquilo que compete aos homens.

A formulação da Doutrina resultou da concordância de opiniões e idéias de muitos seres espirituais e não da opinião de um ou outro isoladamente. Para tanto, o Codificador utilizou método apropriado, confrontando conceitos e juízos diversos, antes de ser admitida uma idéia, ou um fato, como verdadeiros.

Desta forma, *O Livro dos Espíritos*, a obra básica da Doutrina, representa o pensamento correto, geral e coletivo das Entidades espirituais incumbidas de trazer aos homens o Consolador prometido por Jesus.

A concordância universal na opinião dos Espíritos reveladores, submetida ainda à razão e à lógica, é que constitui a força da Doutrina, fazendo-a prevalecer sobre os sistemas pessoais.

•

O capítulo I – “Caráter da revelação espírita” – impressiona pela profundidade, clareza e qualidade

da exposição do Codificador, ao ressaltar o que representa a Doutrina Espírita, por sua natureza, sua índole e seu caráter.

Diversas questões e indagações suscitadas por críticos e simpatizantes do Espiritismo, antes e depois da publicação da

A Revelação Espírita tem, ao mesmo tempo, caráter divino e científico

última obra da Codificação, estão respondidas de forma admirável nesse capítulo inicial.

Está esclarecido que o Espiritismo se apresenta também como uma Ciência de observação, utilizando em suas pesquisas metafísicas o método experimental,

mostrando que ele se aplica perfeitamente ao elemento espiritual e não somente à matéria.

Não resta dúvida que o aspecto mais importante da obra é o que focaliza o Universo invisível, desprezado pelas ciências e cogitado somente pelas religiões e pela magia, mas de forma inadequada.

Refere-se à necessidade do conhecimento das realidades ocultas do mundo invisível e seu relacionamento com o mundo material visível, como preparo do homem para a vida futura.

Mostra que todas as Revelações à Humanidade têm sido feitas por prepostos e enviados de Deus, incumbidos das mais diversas missões, não havendo, entretanto, nenhuma prova de manifestação direta do Criador entre os homens, embora seus mensageiros tenham sido confundidos com Ele, como ocorreu com Moisés na recepção dos Dez Mandamentos.

É demonstrado que a Revelação Espírita tem, ao mesmo tempo, caráter divino e científico. Participa do primeiro por ser providencial e não da iniciativa dos homens, que ignoravam as verdades reveladas pela Espiritualidade. Seu caráter científico evidencia-se por não terem sido dispensados os homens, especialmente o Codificador e os médiuns, nos trabalhos de elaboração, observação, pesquisas e raciocínio

lógico, uma vez que a Doutrina não resultou simplesmente de um ditado completo, mas foi deduzida dos fatos e das instruções trazidas pelos Espíritos.

Assim, a Doutrina é uma Nova Luz que, longe de negar o Evangelho do Cristo, vem confirmá-lo, explicá-lo, elucidando os pontos incompreendidos ou obscuros. A Doutrina Consoladora, absorvendo integralmente os ensinamentos de Jesus, requer maturidade e emancipação mental, para que as coisas superiores não sejam aceitas às cegas, mas sob a luz do entendimento e da razão esclarecida.

•

O capítulo II trata de Deus, da sua natureza e da Providência Divina.

É a reafirmação do que se acha no capítulo I de *O Livro dos Espíritos*, com o acréscimo de outros pensamentos e raciocínios lógicos sobre esse magno assunto.

Começa por lembrar que, sendo Deus a causa primária de todas as coisas, portanto, a base de toda a Criação, é o ponto que deve ser considerado antes de qualquer outro.

Lembra que em todas as obras da Natureza estão presentes a harmonia, a sabedoria e a providência, não havendo nenhuma que não ultrapasse a mais portentosa inteligência humana. É que elas são produto de uma Inteligência Suprema, já que não pode haver efeito sem causa.

Esse raciocínio lógico, baseado nos fatos e na observação do que é real e constatado por toda parte, responde aos raciocínios materialistas, baseados nas forças que atuam mecanicamente nos reinos mineral, vegetal e animal, como o calor, a luz, a eletricidade, a umidade e outras.

O raciocínio materialista, que prevalece nas ciências dos homens, não percebe que as forças,

que produzem os inúmeros fenômenos da Natureza, têm uma causa suprema e inteligente – o Criador de tudo o que existe.

A Providência Divina “é a solicitude de Deus para com todas as suas criaturas” – afirma Kardec.

•

O último capítulo do livro – “São chegados os tempos” – refere-se aos acontecimentos previstos para a regeneração da Humanidade, os quais nada representam para os incrédulos, mas que, para a maioria dos crentes ingênuos, participam de algo de místico e de sobrenatural.

Devemos afastar da previsão toda idéia de capricho, por não se conciliar com a Providência Divina, não podendo deixar de considerar que novos acontecimentos decorrem da divina lei do progresso.

A evolução física do globo terrestre tem sido comprovada pela Ciência e o progresso da Humanidade decorre da inteligência e da melhoria dos costumes dos homens.

Portanto, o movimento progressivo é inevitável, podendo, contudo, ser rápido ou lento, dependendo de diversos fatores.

A Humanidade tem realizado muitos progressos nas ciências, nas artes e no bem-estar material.

Resta-lhe realizar a evolução dos sentimentos, para que reine, entre os homens, o amor, a solidariedade, a fraternidade.

Será, assim, a evolução dos sentimentos o que caracterizará os tempos novos, com a chegada de um mundo regenerado. ■

Obra insuperável

Numa rápida evocação em torno dos grandiosos legados da cultura e da civilização do passado, são encontradas as notáveis obras do pensamento humano, orientando a criatura terrestre.

Desde o *Código de Hamurabi*, assinalando as diretrizes morais e legais para a sociedade, fomos honrados com as obras monumentais que dignificam a Humanidade, e que verteram do Alto como sinfonia de bênçãos, a fim de que a vida pudesse receber o respeito e a consideração de que se faz credora.

A Índia gloriosa de há mais de seis mil anos transferiu para todos os séculos o *Vedanta*, reunindo livros de transcendentais informações sobre a imortalidade, a ética, os deveres morais e sociais.

O Egito liberou da intimidade dos seus santuários o *Livro dos Mortos*, despertando as criaturas para a sobrevivência do Espírito, e, por consequência, os códigos morais para a continuidade da vida...

Das reflexões profundas e místicas dos santos do Tibete, a sociedade herdou *O Livro Tibetano dos Mortos*, orientando os seres humanos para a conquista da plenitude.

A Pérsia multimilenária, fascinada pela realidade do Espírito, ofertou aos tempos do futuro o *Zend-Avesta*, enriquecendo as criaturas com as bases morais para

discernir o Bem do Mal, o seu futuro imortal...

A China contribuiu com a doutrina de Fo-Hi e, mais tarde, Confúcio, através dos *Analectos*, convocou as mentes e os corações a reflexões em torno do cidadão, da família, da sociedade, do dever...

Todo o Oriente fez-se um tesouro de incomparável riqueza, brindando a História com a luz da sabedoria, da perfeição, na incansável busca do *Nirvana*, da plenitude...

Israel, caracterizada pelos profetas, assassinados uns e homenageados outros, seus reis poetas e sábios, compôs a *Bíblia*, reunindo a história do seu povo em relação a outros povos e nações, compon-

do hinos de extraordinária beleza, como nos Salmos, no Cântico dos Cânticos ou no inolvidável *Sermão da Montanha* cantado por Jesus e inscrito em o *Novo Testamento*.

Toda a história da vida de Jesus é a saga da autoconquista, da superação das paixões asselvajadas, do primarismo do Espírito, desvelando o *reino dos Céus* adormecido no imo de cada um, tornando-se o guia seguro para todos os séculos...

Depois de Jesus, e mesmo um pouco antes, o pensamento ocidental, através dos insuperáveis filósofos gregos e, mais tarde, os romanos, a ética e a moral, a política e a arte, a lógica e a razão desenharam as mais belas páginas de eloqüente sabedoria para o bem do ser humano e da sociedade.

Posteriormente, os Céus prosseguiram enviando à Terra os seus embaixadores através da Escola neoplatônica de Alexandria, da Patrística e de outros grupos, ofertando as profundas contribuições para a conquista da felicidade.

Século a século, repontaram os inspirados e os santos, os pensadores e os artistas, contribuindo de forma sublime com as belas mensagens de vida e de amor, nem sempre aproveitadas pela Humanidade.

Obras memoráveis apareceram, fascinaram os tempos em que floresceram, cedendo lugar a



Código de Hamurabi: leis e punições gravadas em monólito

Imagem retirada do site <http://teachers.sduhsd.k12.ca.us/trupe/ART%20History%20Web/final/image/linkschap2.html>



O Livro dos Mortos (Egito). Pintura sobre papiro

outras que foram sucedidas por mais outras, confirmando o amor de Deus pelos Seus filhos, a fim de que nunca faltasse a luz do conhecimento nem a magia da arte para tornar ditosa a existência humana.

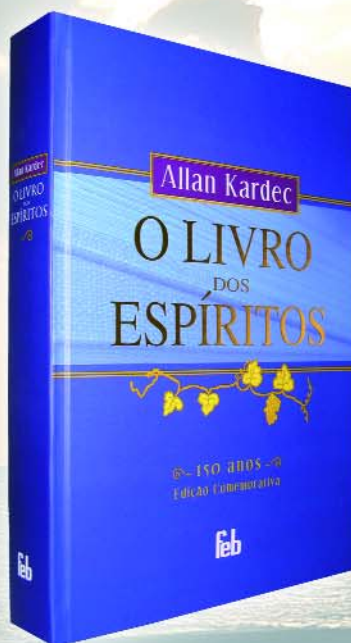
A Ciência e a Tecnologia, insipientes a princípio, atingem hoje a glória estelar, guindando o ser humano ao macrocosmo e permitindo-lhe penetrar no microcosmo, de forma que pode solucionar inúmeros enigmas do Universo e equacionar muitos dos desafios existenciais...

Nada obstante, o ser humano, tendo permanecido, feitas algumas exceções, em sombras e violência, em angústias e medos, os Céus facultaram a reencarnação de Allan Kardec, no século XIX, o missionário do futuro, a fim de que codificasse *O Livro dos Espíritos*, a obra mais monumental que a Humanidade jamais compulsou, pelo fato de repetir o Evangelho de Jesus e sintetizar os grandiosos livros que chegaram antes do seu advento.

Respondendo a todas as questões do pensamento com lógica e

razão, completando e indo além das honrosas conquistas da Ciência, de forma a proporcionar mais feliz aplicação dos seus postulados no dia-a-dia das existências.

Superando a teologia ancestral, inicia a sua gloriosa síntese com Deus e encerra a sua excelsa mensagem com as *esperanças e consolações*, após dirimir todas as dúvidas existentes, iluminando as sombras da ignorância cultural.



Granítico na sua estrutura, vem resistindo aos avanços do conhecimento e permanecerá incorruptível e insuperado diante das avançadas conquistas da atualidade.

Estudá-lo, para melhor insculpi-lo no imo, é dever de todos aqueles que anelam pela conquista da plenitude.

Divulgá-lo por todos os meios ao alcance, constitui compromisso inadiável por todos aqueles que se iluminaram com a constelação estelar das luzes de que se faz portador.

Respeitá-lo, mediante o estudo sério e digno, é a maneira de agradecer-lhe a existência durante estes cento e cinquenta anos desde a sua publicação, libertando consciências e consolando corações.

Agradecidos a todas as obras missionárias da Humanidade, aos apóstolos e aos embaixadores do Cristo que têm trabalhado pela dignificação humana, somos reconhecidos especialmente a Allan Kardec, o preclaro Codificador do Espiritismo, que nos ofertou *O Livro dos Espíritos*, esse monólito indivisível que se vem tornando a base do conhecimento dos Céus para a Humanidade de todos os tempos do futuro...

Vianna de Carvalho

(Mensagem psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, durante a conferência proferida por José Raul Teixeira, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, DF, na noite de 10 de novembro de 2007, como parte da programação da Reunião do Conselho Federativo Nacional.)

O estudo alterou o panorama do Espiritismo no Acre

Gasparina dos Anjos de Jesus, presidente da Federação Espírita do Estado do Acre, comenta os reflexos do estudo e da atuação federativa naquele Estado.

Recomenda a inspiração em Cristo para não se afastar da trilha correta

Reformador: *O Movimento Espírita se estende por todo o Estado do Acre?*

Gasparina: Por todo o Estado ainda não. Há 13 municípios no Acre, e nós estamos presentes em quatro do interior e na capital. Hoje há 14 instituições no Acre. As casas espíritas estão em pleno funcionamento e visitamos todas no ano passado. Em três municípios o Move-

mento Espírita já está bem estável e em alguns outros ainda nascendo.

Reformador: *Como se desenvolve o Movimento Espírita no Acre?*

Gasparina: Atualmente se desenvolve de forma muito harmoniosa e produtiva. Já há consciência de um espírito de partilha de serviço entre os centros e entre estes e a Federação. Quase tudo se faz junto, e não é por obrigação, mas porque gostamos e há uma certa felicidade nessa forma de agir. Assim se tem desenvolvido o trabalho federativo, e não encontro palavra melhor do que “partilhamento” de responsabilidades.

Reformador: *Existe alguma característica, alguma peculiaridade especial do Movimento Espírita acreano?*

Gasparina: No passado, a característica era a dificuldade de estudo. Hoje

todos os centros espíritas estudam. A Federação demorou algum tempo para assumir seu papel federativo; então foram incorporados alguns hábitos, principalmente na área mediúnica, os quais agora estão sendo superados pelo estudo da Doutrina.

Reformador: *Como foram as comemorações do Sesquicentenário em seu Estado?*

Gasparina: Foram muito boas, com base em projeto que elaboramos no ano anterior às comemorações. Procuramos distribuir palestras pelos diversos centros, seguindo o projeto que se desenvolveu de janeiro a dezembro de 2007. E não eram expositores somente da Federação, pois reunimos colaboradores oriundos de todos os centros.

Reformador: *Como estão atuando com o “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro”?*



Gasparina: Esse “Plano” para o período 2007-2012 já conta com algumas providências e, recentemente, realizamos reunião do departamento de divulgação da Federação a fim de montar um cronograma de ações para este ano e, em seguida, para 2009. Em todos os departamentos fizemos a mesma coisa. Estaremos sempre avaliando ações que achamos serem boas, mas que podem não dar certo, e outras ações que, às vezes, não valorizamos muito, as quais poderão ser muito interessantes; então serão fortalecidas e repetidas. Manteremos, por exemplo,

duas programações grandes e antigas, a UNEACRE – União dos Espíritos do Estado do Acre – e o Encontro da Família.

Reformador: *Alguma mensagem ao leitor de Reformador?*

Gasparina: A mensagem para o leitor de *Reformador* é que, sendo espírita, estudante da Doutrina Espírita, ou simpatizante, somos criaturas com grandes oportunidades de aprendizado e de trabalho, devido ao nível de detalhamento que o Espiritismo oferece em relação às Leis Divinas e ao grande material, de uma qualidade muito boa,

que temos através dos livros espíritas. Amo um capítulo do livro *Pão Nosso*, do Espírito Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, intitulado “Direito sagrado”, e a este recorro todas as vezes em que me encontro com angústia e preocupações. Essa mensagem alerta que depois de um convívio, um relacionamento íntimo com o ensino do Cristo, não podemos desistir das ações na área da Espiritualidade. Então, sugiro a cada um dos leitores de *Reformador* que faça essa partilha íntima com o Cristo, para não nos afastarmos da trilha correta. ■

Jesus para o homem

“E achado em forma como homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.”

– Paulo (Filipenses, 2:8.)

O Mestre desceu para servir,
Do esplendor à escuridão...
Da alvorada eterna à noite plena...
Das estrelas à manjedoura...
Do infinito à limitação...
Da glória à carpintaria...
Da grandeza à abnegação...
Da divindade dos anjos à miséria dos homens...
Da companhia de gênios sublimes à convivência dos pecadores...
De governador do mundo a servo de todos...
De credor magnânimo a escravo...
De benfeitor a perseguido...
De salvador a desamparado...

De emissário do amor a vítima do ódio...
De redentor dos séculos a prisioneiro das sombras...
De celeste pastor a ovelha oprimida...
De poderoso trono à cruz do martírio...
Do verbo santificante ao angustiado silêncio...
De advogado das criaturas a réu sem defesa...
Dos braços dos amigos ao contato de ladrões...
De doador da vida eterna a sentenciado no vale da morte...
Humilhou-se e apagou-se para que o homem se eleve e brilhe para sempre!
Oh! Senhor, que não fizeste por nós, a fim de aprendermos o caminho da Gloriosa Ressurreição no Reino?

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Antologia mediúnica do Natal*. Espíritos diversos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 1, p.13-14.



Um irmão de regresso

Espírita militante que fui, muitas vezes, dirigindo sessões mediúnicas, desejei que algum dos companheiros desencarnados me trouxesse notícias do Além, tão precisas e claras quanto possível, a começar do ambiente das reuniões que eu presidia ou das quais partilhava.

Desembaraçado agora do corpo físico, não obstante carregar ainda muitas velhas imperfeições morais, tentarei comentar nossa paisagem de serviço, no intuito de fortalecê-los, na edificação que fomos chamados a levantar.

Como não ignoram, operamos aqui em bases de matéria noutra modalidade vibratória.

Por mercê de Deus, possuímos nossa sede de trabalho em cidade espiritual que se localiza nas regiões superiores da Terra ou, mais propriamente, nas regiões inferiores do Céu.

Gradativamente, a Humanidade compreenderá, com dados científicos e positivos, que há no Planeta outras faixas de vida.

E assim como existe, por exemplo, para o serviço humano o solo formado de argila, areia, calcário e elementos orgânicos, temos para as nossas atividades o solo etéreo, em esfera mais elevada, com as suas propriedades químicas especiais e obedecendo a leis de plasticidade e densidade características.

É de lá, de onde se erguem organizações mais nobres para a sublimação do espírito e onde a Natureza estua em manifestações mais amplas de sabedoria e grandeza, que tornamos ao convívio de nossos irmãos encarnados para a continuação da tarefa que abraçamos no mundo.

Satisfazendo, porém, ao nosso objetivo essencial, aproveitaremos os minutos de que dispomos para

falar-lhes, de algum modo, acerca da tela de nossas atividades.

Qual ocorre aos demais santuários de nossa fé, orientados pelo devotamento ao bem, junto aos quais o Plano Superior mantém operosas e abnegadas equipes de assistência, nossa casa, consagrada à Espiritualidade, é hoje um pequeno mas expressivo posto de auxílio, erigido à feição de pronto-socorro.

Com a supervisão e cooperação de vasto corpo de colaboradores em que se integram médicos e religiosos, inclusive sacerdotes católicos, ministros evangélicos e médiuns espíritas já desencarnados, além de magnetizadores, enfermeiros, guardas e padioleiros, temos aqui diversificadas tarefas de natureza permanente.

Nossa reunião está garantida por três faixas magnéticas protetoras.

A primeira guarda a assembléia constituída e aqueles desencarnados que se lhes conjugam à tarefa da noite.

A segunda faixa encerra um círculo maior, no qual se aglomeram algumas dezenas de companheiros daqui, ainda em posição de necessidade, à cata de socorro e esclarecimento.

A terceira, mais vasta, circunda o edifício, com a vigilância de sentinelas eficientes, porque, além dela, temos uma turba compacta – a turba dos irmãos que ainda não podem partilhar, de maneira mais íntima, o nosso esforço no aprendizado evangélico. Essa multidão assemelha-se à que vemos, freqüentemente, diante dos templos católicos, espíritas ou protestantes com incapacidade provisória de participação no culto da fé.

Bem junto à direção de nossas atividades, está reunida grande parte da equipe de funcionários espirituais que nos preservam as linhas magnéticas defensivas. ►

À frente da mesa orientadora, congregam-se os companheiros em luta a que nos referimos.

E em contraposição com a porta de acesso ao recinto, dispomos em ação de dois gabinetes, com leitos de socorro, nos quais se alonga o serviço assistencial.

Entre os dois, instala-se grande rede eletrônica de contenção, destinada ao amparo e controle dos desencarnados rebeldes ou recalcitrantes, rede essa que é um exemplar das muitas que, da vida espiritual, inspiraram a medicina moderna no tratamento pelo eletrochoque.

E assim organiza-se nossa casa para desenvolver a obra fraterna em que se empenha, a favor dos companheiros que não encontraram, depois da morte, senão as suas próprias perturbações.

Assinalando, de maneira fugacíssima, o setor de nossa movimentação, devemos recordar que, acima da crosta terrestre comum, temos uma cinta atmosférica que classificamos por “cinta densa”, com a profundidade aproximada de 50 quilômetros, e, além dela, possuímos a “cinta leve”, com a profundidade aproximada de 950 quilômetros, somando 1.000 quilômetros acima da esfera em que vocês presentemente respiram.

Nesse grande mundo aéreo, encontramos múltiplos exemplares de almas desencarnadas, junto de variadas espécies de criaturas sub-humanas, em desenvolvimento mental no rumo da Humanidade.

Milhões de Espíritos alimentam-se da atmosfera terrestre, demorando-se, por vezes, muito tempo, na contemplação íntima de suas próprias visões e criações, nas quais habitualmente se imobilizam, à maneira da alga marinha que nutre a si mesma, absorvendo os princípios do mar.

Meus amigos, para o espírita a surpresa da desencarnação pode ser muito grande, porque além-túmulo continuamos nas criações mentais que nos inspiravam a existência do mundo.

O Espiritismo é uma concessão nova do Senhor à nossa evolução multimilenária.

Surpreendemos em nossa Doutrina vastíssimo campo de libertação, mas também de responsabilidade profunda, e o maior trabalho que nos compete efetuar é o de nosso próprio burilamento interior, para que não estejamos vagueando nas trevas das horas inúteis, pois

somente aqueles que demandam a morte, sustentando maiores valores de aperfeiçoamento próprio, é que se ajustam sem sacrifício à própria elevação.

Reportando-nos à experiência religiosa, poucos padres aqui continuam padres, poucos pastores prosseguem pastores e raros médiuns de nossas formações doutrinárias continuam médiuns, porquanto os títulos de serviço na Terra envolvem deveres de realização dos quais quase sempre vivemos em fuga pelo vício de pretender a santificação do vizinho, antes de nossa própria melhoria, em nos referindo à construção moral da virtude.

A morte é simplesmente um passo além da experiência física, simplesmente um passo.

Nada de deslumbramento espetacular, nada de transformação imediata, nada de milagre e, sim, nós mesmos, com as nossas deficiências e defeições, esperanças e sonhos.

Por isso, propunha-me a falar-lhes, de algum modo, nesta primeira *visita psicofônica*, do compromisso que assumimos, aceitando a nossa fé pura e livre... porque num movimento renovador tão grande, tão iluminativo e tão reconfortante quanto o nosso, é muito fácil começar, muito difícil prosseguir e, apenas em circunstâncias muito raras, somos capazes de conquistar a coroa da vitória para a tarefa que encetamos.

Somos espíritos encarnados e desencarnados.

À nossa frente, desdobra-se a vida – a vida que precisamos compreender com mais largueza de pensamento, com mais altura de ideal e com mais sadio interesse no estudo e na prática da Doutrina que vale em nossa peregrinação por sublime empréstimo de Deus.

Não se esqueçam de que se é grande a significação de nossa fé, enquanto viajamos no mundo, a importância dela é muito mais ampla depois de perdermos a veste fisiológica.

Em outra oportunidade, tornaremos ao intercâmbio. Nossos assuntos são fascinantes e, em outro ensejo, nossa amizade voltará.

Jesus nos ilumine e abençoe.

Pelo Espírito **Efigênio S. Vitor**

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Instruções psicofônicas*. Vários Espíritos. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 31, p. 145-149.

Anamnese do orgulho

RICHARD SIMONETTI

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas, sob a condição de ser bem empregada.

Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance. Infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu.

Estas afirmativas, amigo leitor, estão na parte final de uma mensagem assinada por Ferdinando, Espírito protetor, recebida em Bordeaux, em 1862. Consta do capítulo sétimo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Destaque para o exercício da inteligência, a capacidade de pensar e aprender, faculdade que nos permitiu descer das árvores em priscas eras, ensaiando andar como gente.

Na medida em que a desenvolvermos adequadamente estaremos crescendo em conhecimento e sabedoria, habilitando-nos a decifrar os enigmas do Universo, aproximando-nos de nossa gloriosa destinação.

Dentro de alguns milhares ou milhões de anos, seremos Espíri-

tos puros e perfeitos, prepostos de Deus, habitantes dos chamados mundos divinos, a que se refere Kardec.

Obviamente, tanto mais depressa chegaremos lá quanto maior o nosso empenho no sentido de superar fragilidades e imperfeições.

Há, como comenta Ferdinando, o entrave do orgulho, um dos sete pecados capitais, segundo os teólogos medievais, capaz de precipitar o homem nas caldeiras infernais.

Filho dileto do egoísmo, o orgulho é esse sentimento bestificante que induz o indivíduo a julgar-se melhor do que outro por sua cor, condição social, econômica, classe, família...

Nele sustentam-se os preconceitos, as discriminações, a intolerância e loucuras que lhes são conseqüentes, envolvendo coletividades em litígio, lutas, guerras, sofrimento e morte.

A história da raça humana é o relato dos conflitos gerados pela inteligência malconduzida, inspirada pelo orgulho, que leva uma coletividade a julgar-se no direito de agredir, dominar e espezinhar outra.

Não se sentem os homens como irmãos, filhos do mesmo Pai de Amor e Misericórdia. Dividem-se em classes, grupos, etnias, naciona-

lidades, a se combaterem, os mais fortes dominando os mais fracos.

•

Temos um exemplo típico dos problemas gerados pelo orgulho no lamentável conflito que há hoje no Iraque, entre sunitas e xiitas.

Tanto uns quanto outros são seguidores de Maomé, irremediavelmente separados dentro da própria crença, não por questões doutrinárias, mas por, digamos assim, problemas sucessórios.

Quando Maomé morreu, em 632, o Islamismo dividiu-se em dois grupos.

Os que elegeram Ali, genro e primo de Maomé, para dirigir o movimento. Seriam conhecidos como xiitas. Concebiam que os sucessores de Maomé deviam, necessariamente, estar ligados a ele por laços de consangüinidade.

Outro grupo admitia que a autoridade dos califas que sucederam a Maomé devia prevalecer. Seriam os sunitas.

Infelizmente, no Iraque as duas facções assumiram posturas beligerantes, passaram a guerrear entre si, ambas pretendendo a herança do legado de Maomé para a formação de uma teocracia, um país governado por religiosos.

A média de iraquianos mortos em 2006 foi de trinta e dois por

dia, tanto entre sunitas quanto entre xiitas.

A metodologia é diferente.

Os sunitas, que constituem minoria no Iraque, usam carros ou homens-bomba que explodem, produzindo estragos e mortes.

Os xiitas, em maioria, adotam a prisão, a tortura e a eliminação sumária de seus opositores.

Adeptos de uma mesma religião, possuídos pela idéia de superioridade e de que sua facção deve dominar, empenham-se no extermínio recíproco.

No fundo, o velho orgulho, sustentando esses conflitos que estão destruindo o Iraque.

Os cristãos não têm feito melhor.

Católicos e protestantes mataram-se uns aos outros durante bom tempo, pretendendo a posse da verdade, orgulhosos de suas convicções religiosas, que deveriam prevalecer.

•
O orgulho não fecha apenas as portas ao entendimento na Terra.

Fecha também as portas de ingresso no Céu.

Quem o diz é Jesus, no Sermão da Montanha (Mateus, 5:3):

– *Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus.*

Sempre interessante, leitor amigo, para evitar pretensões inspiradas no orgulho, definir onde está o Céu.

Diz Jesus (Lucas, 17:21):

– [...] *O Reino de Deus está dentro de vós.*

Então o Céu, representação do Reino de Deus, é uma construção interior, na intimidade de nossa consciência.

Diríamos que se trata de uma condição espiritual.

Intimamente podemos nos sentir em estado de graça ou de desgraça.

Sensações conflitantes, sustentadas por sentimentos antagônicos:

O orgulho, a ilusão de superioridade diante do próximo.

A humildade, a consciência da própria pequenez diante de Deus.

O orgulhoso sempre se aborrece com alguém, com alguma situação, com algo que o contrarie e lhe sugira uma humilhação.

– Sabe com quem está falando? É sua clássica afirmativa, inspirada em suposta importância pessoal, quando cobrado por alguma falha, disposto a brigar.

O humilde, em idêntica situação, sem sentir-se diminuído, não experimenta nenhum constrangimento em pronunciar a palavra mágica, capaz de neutralizar sentimentos beligerantes:

– Desculpe!

O trânsito do orgulho à humildade é um dos objetivos que marcam a jornada humana. Quando a houvermos conquistado em plenitude, iremos morar em mundos que desconhecem discriminações e preconceitos.

•
Na consulta médica, a primeira providência é a anamnese, uma avaliação do paciente pelos sintomas e informações relatados por ele.

Podemos efetuar, sumariamente, uma anamnese do orgulho, a partir de questionário sucinto, com duas alternativas, uma positiva e outra negativa.

Vamos tentar, amigo leitor?

1. *A pessoa que você ama dá um mau passo, comete adultério. Depois se arrepende. Faz juras de amor, implora por nova chance. Você:*

a) Perdoa e trata de superar o problema.

b) Resiste às suas tentativas de



reaproximação, contrariando os próprios sentimentos.

– Quero que um raio me fulmine antes de pensar em reconciliação!

2. *Se acontece a reconciliação.* Você:

a) Nunca mais fala no assunto.

b) Está sempre lhe lembrando a traição e remoendo mágoas.

– Pensa que eu esqueci a humilhação que você me fez passar?!

3. *Numa reunião de serviço, na empresa onde trabalha, sua idéia é rejeitada pela maioria.* Você:

a) Considera normal e continua a reunião, tranqüilo.

b) Sente-se desestimulado e se fecha no mutismo.

– Bando de incompetentes!

4. *Espírita convicto, seu filho vai casar-se com jovem católica. Ela faz questão do casamento religioso. Sonha entrar na igreja vestida de noiva, receber a bênção nupcial.* Você:

a) Não vê objeção e até aceita ser um dos padrinhos na cerimônia religiosa.

b) Fica extremamente contrariado. Nega-se a comparecer ou o faz de má vontade.

– Padrinho, jamais! Esqueça!

5. *Numa festa, algumas pessoas reunidas num canto estão rindo. Algumas olham em sua direção.* Você:

a) Imagina que estão contando algo engraçado.

b) Irrita-se, imaginando que focam a seu respeito.

– Cambada de maledicentes!

6. *No consultório médico, demonstram a chamá-lo.* Você:

a) Considera normal, dentro da cultura brasileira, e distrai-se lendo uma revista.

b) Impacienta-se e logo questiona a atendente, exigindo preseteza no atendimento, porquanto pagou para isso.

– É uma falta de respeito!

7. *No trânsito, um motorista irritado com uma fechada que você lhe deu, dirige-lhe palavrões.* Você:

a) Segue tranqüilo, considerando que certamente aquele motorista está com problemas. Ora por ele.

b) Responde no mesmo tom e até pensa em persegui-lo para tirar satisfações.

– Vou fazê-lo engolir suas ofensas!

8. *Surgem problemas financeiros. Um amigo, a quem solicita empréstimo, desculpa-se dizendo que também está em dificuldade.* Você:

a) Encara a recusa sem problema, considerando que a situação está brava para todos.

b) Fica ofendido com a alegação que lhe parece mentirosa e inspirada em falta de consideração. Esfria a amizade, alegando:

– É um falso! Amigo só nas aparências.

9. *Um conhecido não o cumpri-menta ao cruzarem.* Você:

a) Considera normal. Não viu ou estava distraído.

b) Irrita-se. Fica ofendido!

– O palhaço pensa que tem o rei na barriga!

10. *Um tropeção o joga ao solo de forma ridícula. As pessoas riem.* Você:

a) Ri, também, fazendo troça de si mesmo.

b) Irrita-se com a falta de consideração das pessoas, sentindo-se humilhado.

– Ignorantes! Desconhecem princípios mínimos de civilidade.

•

Se você, amigo leitor, em perfeito exame de consciência, marcou dez respostas na alternativa *a*, ótimo! Está diplomado em humildade.

Se houve um mínimo de sete, segue em bom caminho.

Se marcou menos que isso, está empacado.

Sugiro a leitura diária, com indispensável reflexão, do texto assinado por Lacordaire, um dos mentores da Codificação, em manifestação de 1863, obtida em Constantina, conforme está no capítulo VII, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, item 11: “O orgulho e a humildade”. Transcrevo pequeno trecho:

[...] *Na balança divina, são iguais todos os homens; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. São da mesma essência todos os Espíritos e formados de igual massa todos os corpos. Em nada os modificam os vossos títulos e os vossos nomes. Eles permanecerão no túmulo e de modo nenhum contribuirão para que gozeis da ventura dos eleitos. Estes, na caridade e na humildade é que têm seus títulos de nobreza.* ■

A geração nova

No capítulo XVIII de *A Gênese*, intitulado “São chegados os tempos”, Allan Kardec analisa as grandes transformações para a regeneração da Humanidade, com a encarnação de Espíritos propensos ao bem, que constituirão a nova geração

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, *ainda não tocados pelo sentimento do bem*, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso.[...] Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e *propenso ao bem*.

Muito menos, pois, se trata de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas, quando declarava: “Digo-vos, em ver-

dade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido.” Assim, decepcionados ficarão os que contem ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

A época atual é de transição; confundem-se os elementos das duas gerações. Colocados no ponto intermédio, assistimos à partida de uma e à chegada da outra,

já se assinalando cada uma, no mundo, pelos caracteres que lhes são peculiares.

Têm idéias e pontos de vista opostos as duas gerações que se sucedem. Pela natureza das disposições morais, porém, sobretudo das disposições *intuitivas* e *inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, juntas ao sentimento *inato* do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*. Não se comporá exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as idéias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração.

O que, ao contrário, distingue os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, pelo se negarem a reconhecer qualquer poder superior aos poderes humanos; a

propensão *instintiva* para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme; enfim, o apego a tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.

Desses vícios é que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que se obstinam em não emendar-se; porque são incompatíveis com o reinado da fraternidade e porque o contato com eles constituirá sempre um sofrimento para os homens de bem. Quando a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem óbices para o futuro melhor que lhes está reservado, mesmo neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, enquanto esperem que uma depuração mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

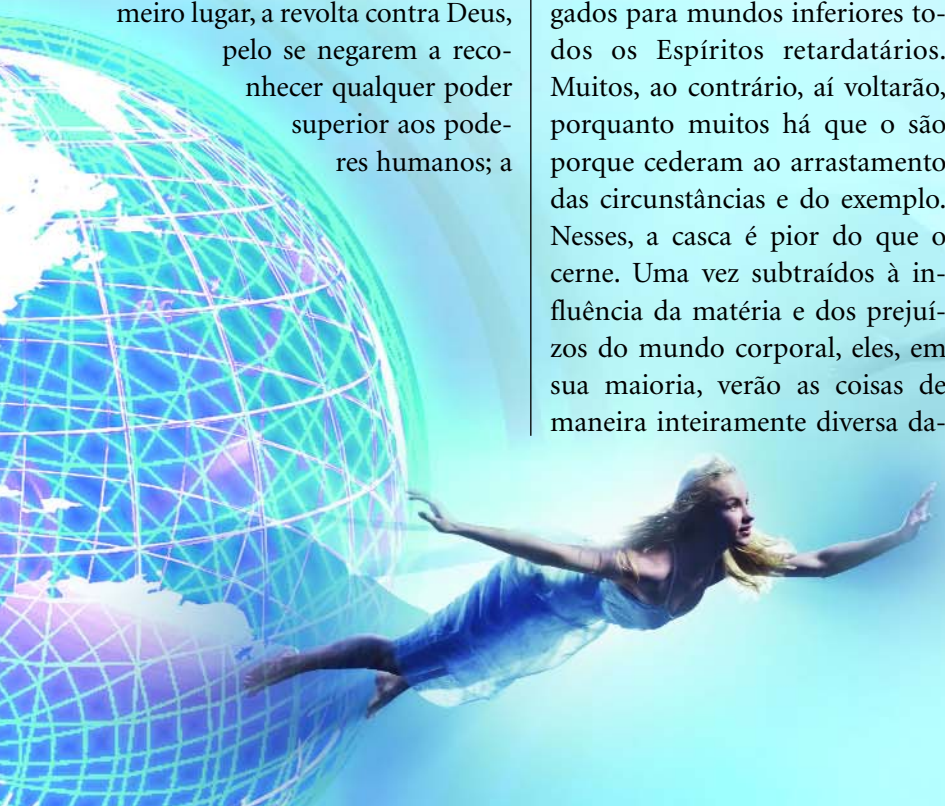
Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, aí voltarão, porquanto muitos há que o são porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a casca é pior do que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira inteiramente diversa da-

quela por que as viam quando em vida, conforme os múltiplos casos que conhecemos. Para isso, têm a auxiliá-los Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar quão falso era o caminho que seguiam. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos concorrer para que eles se melhorem, visto que entre mortos e vivos há perpétua solidariedade.

É muito simples o modo por que se opera a transformação, sendo, como se vê, todo ele de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

Sejam os que componham a nova geração Espíritos melhores, ou Espíritos antigos que se melhoraram, o resultado é o mesmo. Desde que trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, segundo suas disposições naturais, os Espíritos encarnados formam duas categorias: de um lado, os retardatários, que partem; de outro, os progressistas, que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, portanto, no seio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela das duas categorias que preponderar.

Uma comparação vulgar ainda melhor dará a compreender o que se passa nessa circunstância. Figureremos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão nele constantes desordens que a lei penal terá por vezes dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos do que os outros. ►



Capa

Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo. Os poucos bons nenhuma influência exercem; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que os achincalham e maltratam. Não é essa uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que esses homens são retirados um a um, dez a dez, cem a cem, do regimento e substituídos gradativamente por iguais números de bons soldados, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem.

As grandes partidas coletivas, entretanto, não têm por único fim ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o espírito da massa, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às idéias novas.

Por estarem muitos, apesar de suas imperfeições, maduros para a transformação, é que muitos partem, a fim de apenas se retemperarem em fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos bastará para lhes descerrar os olhos, por isso que aí vêem o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, conseqüentemente, voltar com idéias *inatas* de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, acharão mudadas as coisas e experimentarão a influência do novo meio em

que houverem nascido. Longe de se oporem às novas idéias, constituir-se-ão seus auxiliares.

A regeneração da Humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que voltam são outros Espíritos; são com freqüência os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando insulado e individual, esse melhoramento passa despercebido e nenhuma influência ostensiva alcança sobre o mundo. Muito outro é o efeito, quando a melhora se produz simultaneamente sobre grandes massas, porque, então, conforme as proporções que assuma, numa geração, pode modificar profundamente as idéias de um povo ou de uma raça.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizem as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem corpos, não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar-se que em todas as épocas da História, às grandes crises sociais se seguiu uma era de progresso.

Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da Humanidade. A multiplicidade das

causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, visto que elas apressarão a eclosão dos novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, porquanto a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades causantes de compensação, sem resultados aproveitáveis, pois que, na opinião deles, os *aludidos flagelos aniquilam os seres para sempre*. Para aquele, porém, que sabe que a morte unicamente destrói o envoltório, tais flagelos não acarretam as mesmas conseqüências e não lhes causam o mínimo pavor; ele lhes compreende o objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, duma forma ou doutra, a isso hão de todos sempre chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de quiméricas; mas, digam o que disserem, não fugirão à lei comum; cairão a seu turno, como os outros, e, então, que lhes acontecerá? Eles dizem: *Nada!* Viverão, no entanto, a despeito de si próprios e se verão, um dia, forçados a abrir os olhos. ■

Fonte: KARDEC, Allan. *A gênese*. 52. ed. Rio de Janeiro: 2007. Cap. XVIII, itens 27 a 35.

Ante a lição

*“Considera o que te digo, porque o Senhor
te dará entendimento em tudo.”*

– PAULO. (II TIMÓTEO, 2:7.)

Ante a exposição da verdade, não te esquives à meditação sobre as luzes que recebes.

Quem fita o céu, de relance, sem contemplá-lo, não enxerga as estrelas; e quem ouve uma sinfonia, sem abrir-lhe a acústica da alma, não lhe percebe as notas divinas.

Debalde escutarás a palavra inspirada de pregadores ardentes, se não descerrares o coração para que o teu sentimento mergulhe na claridade bendita daquela.

Inúmeros seguidores do Evangelho se queixam da incapacidade de retenção dos ensinamentos da Boa Nova, afirmando-se ineptos à frente das novas revelações, e isto porque não dispensam maior trato à lição ouvida, demorando-se longo tempo na província da distração e da leviandade.

Quando a câmara permanece sombria, somos nós quem desata o ferrolho à janela para que o sol nos visite.

Dediquemos algum esforço à graça da lição e a lição nos responderá com as suas graças.

O apóstolo dos gentios é claro na observação.

“Considera o que te digo, porque, então, o Senhor te dará entendimento em tudo.”

Considerar significa examinar, atender, refletir e apreciar.

Estejamos, pois, convencidos de que, prestando atenção aos apontamentos do Código da Vida Eterna, o Senhor, em retribuição à nossa boa vontade, dar-nos-á entendimento em tudo.

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Fonte viva*. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1, p. 17-18.

Um relato, um filme, um romance

KLEBER HALFELD

A Igreja Católica estabeleceu uma máxima para seus adeptos: *fora da igreja não há salvação*.

O Espiritismo adverte sobre um princípio mais coerente: *fora da caridade não há salvação*.

Esta segunda afirmativa trouxe-me à lembrança curiosa página mediúnica que li há muitos anos, a qual tecia comentários sobre a chamada *mentira caridosa*, ou seja, aquela que usamos em situação

delicada, imprevista, não revelando, de nossa parte, uma verdade, por imaginarmos nosso próximo despreparado para uma angustiante realidade.

•

Um amigo, muito estimado, narrou-me o seguinte fato:

Em um quarto de clínica médica estavam internados três idosos paraplégicos.

De duas camas, os pacientes somente podiam vislumbrar as paredes nuas do quarto, enquanto o da terceira tinha o privilégio de lhes transmitir o que “enxergava” através de uma janela à sua frente.

– Estou vendo a praça com movimento bem grande de crianças que brincam com uma bola e um cachorro. O céu está todo azul. Há muitos carros na rua. A carrocinha do pipoqueiro tem hoje uma freguesia boa.

No dia seguinte voltava a informar:

– Bem, hoje o tempo prenuncia chuva. A praça está praticamente vazia. As pessoas movimentam-se a passos rápidos e a rua está deserta.

E, assim, todos os dias, variavam

as informações. Umas bem detalhadas, outras mais sintéticas.

Aconteceu, todavia, o inesperado: o informante morreu, vítima de uma ataque cardíaco.

Imediatamente, outro paciente solicitou, da direção da clínica, licença para ocupar a cama do falecido, no que foi atendido. Desejava igualmente ver com os próprios olhos o que se passava além daquela janela.

Grande, contudo, foi sua surpresa: através da janela pôde tão-somente visualizar um muro pintado de branco, o qual cercava parte da clínica, conforme foi informado por um funcionário da instituição.

Prendia-se a descrição diária do antigo companheiro de quarto à necessidade que ele tinha de distrair, um pouco que fosse, os outros dois companheiros. Acreditava ser de sua parte um gesto fraterno, utilizando-se de inocentes e caridosas mentiras...

•

Quem tiver ensejo de assistir *A vida é bela* (*La vita è bella*) com a participação de Roberto Benigni – mas que assume igualmente o



papel de escritor e diretor —, encantar-se-á com um dos mais belos e comoventes filmes lançados no mercado cinematográfico, contrapondo-se a esta avalanche de películas de baixo padrão produzidas ultimamente.

O filme é passado durante a Segunda Guerra Mundial e conta a história triste, e ao mesmo tempo hilariante, de um pai que é aprisionado com seu pequeno filho em um campo de concentração nazista.

Para tirar a impressão negativa de seu filho a respeito do lugar, esforça-se no sentido de fazê-lo acreditar que estão em um setor de atividades esportivas. Haveria um campeonato e quem se classificasse em primeiro lugar ganharia um tanque de guerra de verdade.

Com genial habilidade, ele vai convencendo seu pupilo, criando situações tão pitorescas quão emotivas, e, no final, o filme mostrará uma cena realmente inesperada.

Vale ressaltar que esse trabalho de Benigni ganhou o *Oscar* de melhor filme estrangeiro, tendo concorrido à época com a produção brasileira “Central do Brasil”, a qual contou com a participação de Fernanda Montenegro.

A análise de *A vida é bela* — cuja exibição em nosso país encantou todas as platéias — mostrou-nos uma curiosa e bem arquitetada mentira de um pai para com seu amado filho, cheio este de encantadora pureza de coração!

Não podemos, em vendo o filme, relevar a atitude desse pai,



Cartaz do filme *A vida é bela*

admitindo que sua engendradora história possa ser catalogada com o adjetivo caridosa?

•

No romance *Cinquenta Anos Depois*, ditado pelo Espírito Emmanuel ao querido médium Francisco Cândido Xavier, o autor, em sua página inicial — “Carta ao Leitor”, p. 9 —, escreve:

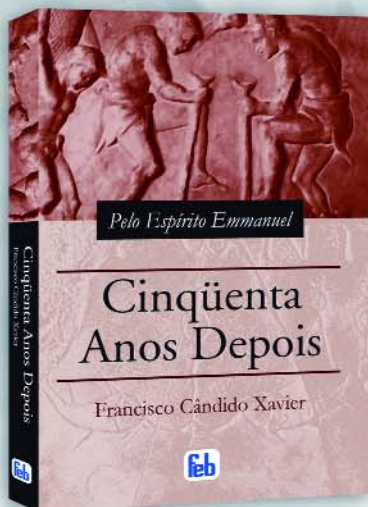
[...] Ali, Públio Lentulus se movimentava num acervo de

Cena do filme
A vida é bela

farraparias morais e deslumbra-mentos transitórios; aqui, entretanto, como escravo Nestório, observa ele uma alma. Refiro-me a Célia, figura central das páginas desta história, cujo coração, amoroso e sábio, entendeu e aplicou todas as lições do Divino Mestre, no transcurso doloroso de sua vida. Na seqüência dos fatos, dentro da narrativa, seguirás os seus passos de menina e de moça, como se observasses um anjo pairando acima de todas as contingências da Terra Santa *pelas virtudes e pelos atos de sua existência edificante*, seu Espírito era bem o lírio nascido do lodo das paixões do mundo, para perfumar a noite da vida terrestre, com os olores suaves das mais divinas esperanças do Céu.” (Grifos nossos).

Quem já teve a oportunidade de ler *Cinquenta Anos Depois*, com certeza percebeu o sentido verdadeiramente emotivo das expressões





Capa do livro *Cinquenta Anos Depois*

de Emmanuel, descrevendo, no início do livro editado pela Federação Espírita Brasileira o perfil da personagem central, Célia, a filha de Helvídio Lucius e Alba Lucínia.

Advinhará a ignomínia de um sinistro plano urdido por Cláudia Sabina com a criada Hatéria; a decisão cristã de Célia, objetivando conservar a inocência, a honra de sua mãe, e assumindo, para tanto, a responsabilidade de um recém-nascido que ela, na verdade, não gerara e que, por outro lado, era enganosamente atribuído à sua genitora; a expulsão da casa de seus pais, uma sacrificante viagem empreendida até Alexandria, no Egito, e finalmente, sua desencarnação – após longo e exaustivo trabalho em favor do sofredor –, em local a que Emmanuel chamou de “Horto de Célia”.

Após todas estas anotações, detenho-me em dois itens da referida obra, ditada pelo antigo senador romano Públio Lentulus:

Item número 1: No capítulo II da segunda parte – “Calúnia e Sa-

crifício” – observamos o desprendimento, a coragem cristã de Célia, assumindo uma responsabilidade que não lhe pertencia:

– Sim, meu pai... minha mãe... pesa-me a confissão de minha falta, mas esta criança é meu filho...

Item número 2: Na cidade de Minturnes – que posteriormente, segundo palavras de Emmanuel, passaria a denominar-se Trajetta –, vamos identificar o encontro de Célia com um idoso cristão de nome Marinho, que fraternalmente a ampara sob seu teto, após a saída da residência dos pais, ajudando-a, na viagem que encetaria para a cidade egípcia de Alexandria, sugerindo-lhe, todavia, o uso de trajes masculinos, exatamente para defendê-la e livrá-la dos perigos existentes nas estradas, conforme confissão feita de forma franca, incisiva:

Velho conhecedor dos nossos tempos de decadência e desmantelos morais, sei que, ante a tua juventude, quase todos os homens moços, cheios de materialidade, se curvarão em ignominiosas propostas. [...]

.....
Lembra-te de que, ainda agora, eu te falei do meu antigo projeto de levar a filha ao Egito, em trajes masculinos, de modo a arrebatá-la deste antro de corrupção e impenitência. [...]
(Op. cit., cap. IV.)

E já no mosteiro de Alexandria, na presença do superior Aufídio

Prisco, mais conhecido por “pai Epifânio”, tomamos conhecimento da entrevista entre Célia e Filipe, um funcionário do mosteiro.

Desta entrevista ressaltamos somente uma das perguntas feitas pelo entrevistador:

“– Seu nome?”

E a resposta de Célia Lucius:

“– O mesmo de meu pai.”

(Neste caso referia-se a entrevistada não ao seu genitor, Helvídio Lucius, mas ao seu protetor de Minturnes que a acolhera.)

Após o interrogatório, é Célia aceita oficialmente na organização com o nome de Irmão Marinho.

Dos dois itens, o destaque para a espiritualidade de Célia: na defesa de sua genitora; na troca de nome, a fim de assegurar trabalho para si no mosteiro, e preservar a segurança da criança que estava consigo.

Poderão muitos levantar erroneo julgamento em recordando a figura dessa jovem cristã. Acredito sinceramente não proceder semelhante julgamento, alegando-se *omissão da verdade*.

Não se deseje, no caso, olvidar a sentença do Mestre de que conheceremos a verdade e a verdade nos libertará. Conforme ressaltamos, há que admitir as situações sutis, delicadas, as quais não comportam franqueza frontal, dura, incisiva, descaridosa, enfim.

Se, na omissão da verdade, emerge a intenção caridosa para o nosso próximo, convenhamos que, segundo o apóstolo Pedro (I, 4:7), “o amor cobre a multidão de pecados”. ■



Reformador de ontem

A Gênese*

INDALÍCIO MENDES

O aparecimento de *A Gênese* em 6 de Janeiro de 1868, graças aos esforços de Allan Kardec, empenhado em dar à Humanidade mais uma obra de esclarecimento, capaz de diluir as fantasias e as superstições que dificultavam o progresso mental e moral, foi relevante acontecimento. Nesse livro excelente, pôde também o ilustre Codificador demonstrar objetivamente as conseqüências do Espiritismo, como doutrina e filosofia, assim como a importância fundamental do comportamento moral no futuro da criatura humana, seja encarnada, seja desencarnada, porque, afinal, a vida terrena e a vida espiritual estão intimamente e irrevogavelmente entrelaçadas.

A importância das matérias estudadas e os comentários racionais e lógicos apresentados por Allan Kardec fizeram que grande número de leitores procurassem avidamente o livro em pauta. A *Revue Spirite* de Fevereiro de 1868, cerca de um mês após o lançamento, em Paris, de *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*, anunciava estar quase esgotada a 1ª edição, com a declaração de que a segunda já se achava em máquina.

Apoiada pelos Espíritos libertos de preconceitos, embora combatida por aqueles que ainda se encontravam prisioneiros de tradições e dogmas obsoletos e ofensivos à Razão, mas discutida sempre, essa obra não tardou a ganhar a preferência dos estudiosos e a figurar nas melhores bibliotecas, ao lado de outras que também cooperavam, então, para quebrar as algemas que o obscurantismo desfaçado pusera na mentalidade das criaturas humanas.

No Brasil, *A Gênese* foi estudada, a princípio, na língua de origem, a francesa, pois só em 1882, traduzida e publicada sob os auspícios da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, do Rio de Janeiro, surgia a 1ª

edição em português, impressa por B. L. Garnier, Livreiro-Editor do Instituto Histórico, e com um prefácio datado de 31 de Março de 1882.

Ainda hoje, *A Gênese* se faz leitura obrigatória de quantos queiram efetivamente pôr-se a par de elucidações complementares ao estudo sério da Doutrina Espírita. No dizer de Henri Sausse, biógrafo de Allan Kardec, “é das mais importantes esta obra, porque constitui, sob o ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros livros publicados”. A profundez dos assuntos e, ao mesmo tempo, a clareza com que são expostos e estudados, revelam, a cada passo, a cultura, a erudição, o saber do Codificador, que ainda enriqueceu a obra com citações indispensáveis a oportunos confrontos nos comentários e nas apreciações à luz da Doutrina Espírita.

Na realidade, quem quer que deseje conhecer profundamente o Espiritismo, não pode negligenciar o estudo de *A Gênese*, mesmo porque os temas de que trata são importantes e ainda atualíssimos, como, por exemplo, “Caráter da Revelação Espírita”, “Deus”, “Origem do bem e do mal”, “Papel da Ciência na gênese”, “Gênese espiritual”, “Gênese orgânica”, “Os milagres”, “As predições”, etc. etc. Na “Introdução”, excelente sob vários aspectos, Allan Kardec afirma que *A Gênese* é “complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos” – continua ele – “o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas”.

Regozijemos-nos, pois, com essa obra notável, cuja vitalidade não diminuiu nos cem anos decorridos [1868-1968]. Que as bênçãos do Alto envolvam o Espírito de Allan Kardec, o grande missionário do Século XIX! ■

*N. da R.: Título original – “A Gênese atinge o centenário”.

Fonte: *Reformador* de janeiro de 1968, p. 9(13).

Tempos de valorização da vida

Quaisquer que sejam as providências tomadas para elucidar a alma humana, no sentido de se promover os cuidados para com a vida, valorizando-a como deve ser, esbarremos numa muralha intelectual e num vazio moral instigados pela influência das teses materialistas-ateístas que se insurgem no seio das sociedades.

Não deveremos desconsiderar a força dos projetos de vida imediatistas que se costumam alimentar no anseio tipicamente humano de desenvolver poucos empenhos, ou de usufruir situações mais confortáveis e de tirar todos os proveitos possíveis dos recursos do Planeta, sem que se tenha muito o que ressarcir, o que realizar, em prol desse bem-estar anelado. Enfim, é a teoria do proveito pleno e sem ônus para os beneficiários.

Tais posturas são regidas pelo egoísmo, remanescente do instinto de conservação, que tem nos reinos inferiores à Humanidade a sua fonte geradora. É o egoísmo

que faz dilatar essa desenfreada busca do prazer hedonista, do gozo insaciável e gratuito sem qualquer reflexão relativa às consequências desses privilégios.

Não estranhemos que semelhantes condutas estejam entranhadas e muitas vezes sustentadas por criaturas que se apresentam como religiosas, como crenças em Deus, ou como lideranças nos campos das instituições de fé ditas cristãs.

O que se passa é que muitos Espíritos não chegaram ao Planeta, nos dias presentes, trazendo responsabilidades assumidas na Imortalidade, nos campos do bem, da renovação espiritual e dos progressos inerentes à alma eterna. Ao se sentirem bem instalados no conforto do corpo físico, valendo-se das possibilidades socioeconômicas de realce ou quando se adornam com os poderes da política terrena, deslustram esses compromissos – que lhes são recordados durante as horas de desdobramentos naturais pelo sono – e mergulham em

atuações ególatras discricionárias, absolutistas, sem qualquer pensamento que se volte para o Criador da Vida e Suas leis registradas em nossa consciência.

É indispensável que estejamos atentos para as instruções trazidas pelas Vozes dos Céus, no cerne da Codificação do Espiritismo, concernentes ao poder nefário do egoísmo que se reproduz nas mais várias instituições do mundo, seja no seio da família, da escola, das igrejas ou das oficinas profissionais, fenômeno que só será batido, transformado ou superado por meio do ingente trabalho da educação.

Impraticável conseguir-se o entendimento, por parte das massas terrenas, de questões magnas para a vida como é a do abortamento, da pena de morte, da eutanásia, da fome, dos descabros antiéticos, sem que os indivíduos tenham, devidamente amadurecida, a consciência de si mesmos como Espíritos imortais e que, por isso mesmo, responsáveis pela sementeira que realizam no solo planetário.

O Espiritismo é chamado agora, por meio do labor dos espíritos, a cooperar em todos os movimentos sociais que enaltecem a vida e todos os elementos a ela vinculados, no campo das providências imediatistas, nas respostas que precisam ser dadas às comunidades, sem qualquer dúvida.

Entretanto, pela força filosófica da Doutrina Espírita, não podem os espiritistas perder de vista o seu caráter educacional, trabalho que é capaz de modificar as disposições morais dos seres, mudando o *modus vivendi* do homem, proposta que permitirá lancemos na correnteza social criaturas bem formadas, participantes da aristocracia intelectual-moral a que se referiu o ínclito Codificador Allan Kardec, na esteira das suas formosas reflexões acerca dos grupos de governança terrestre.

O que presenciamos, por enquanto, é um formidável embate entre as vozes que projetam luz sobre as mentes, sobre as almas e aquelas que gritam suas alucinadoras propostas de destruição e de morte, testemunhado pelo covarde silêncio de muitos indivíduos que, se conseguem cantar e prestigiar as verdades espirituais em grupo, no conjunto dos confrades do bem, calam-se e omitem-se toda vez que se deparam com o ensejo de dar seu testemunho da verdade, amedrontados muitas vezes pelo temor do achincalhe ou das desconsiderações de que possam ser alvos.

Estamos convocados pelos Porta-Vozes de Jesus Cristo, que atuam nos altos serviços de espiritualização das idéias no mundo, a dar nosso contributo, a nossa palavra consistente, calcada nos princípios do venerando Espiritismo, sem arrogância, sem presunção e sem medo.

Contudo, somos chamados a dar o nosso testemunho de lucidez, de fortaleza moral e de fraternidade, a fim de que o processo educacional que o Espiritismo apresenta, muito além de receber o reforço na nossa teoria, possa contar com o vigor da vivenciação dos espíritos no meio social.

Estamos nos tempos de exercitar a própria coragem e a boa disposição, nessa audácia que fez com que os primitivos cristãos descessem aos circos tão logo ressoou na voz do Cristo a palavra *Amor*.

Destemidamente, cabe-nos avançar conjugando os possíveis

esforços para que, perante tanto desapeço pela vida humana, atuemos no campo da feliz educação, amparada pela ética do amor a Deus acima de tudo e ao próximo, como a nós mesmos, engolfados pela moral de prestar os indispensáveis serviços em prol da dissolução gradativa do egoísmo, da espiritualização das idéias e do aprofundamento das reflexões em torno da lei de causalidade, do que nenhum de nós estará indene.

A valorização da vida do corpo não pode prescindir do apoio à cultura da alma, da estima que se viva quanto às realidades do Espírito imortal.

Camilo

(Mensagem psicografada pelo médium José Raul Teixeira, em 10 de novembro de 2007, na Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, realizada em Brasília, DF.)

Ao leitor

Se o prezado leitor possui livros publicados pela FEB, de 1ª a 5ª edição, saiba que são valiosos para a organização de nossos registros bibliográficos.

Doe seus exemplares à Federação e, em troca, lhe enviaremos edições atuais.

Não deixe de informar seu CPF, se pessoa física, ou CNPJ, se pessoa jurídica, enviando o material para o seguinte endereço:

Federação Espírita Brasileira
Departamento Editorial
Setor de Documentos Patrimoniais do Livro
Rua Souza Valente nº 17 – São Cristóvão
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Tel.: (21) 2187-8256

Em dia com o Espiritismo

Consciência moral. Consciência espírita

MARTA ANTUNES MOURA

O desenvolvimento da consciência – capacidade de conhecer a si mesmo e ao outro –, é processo evolutivo gradual que amplia a faculdade de pensar, agir e querer, no ser humano. Aliás, é ensinamento doutrinário espírita básico que a consciência está presente desde a formação do homem. Daí os Espíritos da Codificação afirmarem: “Sem a individualidade e sem consciência de si mesma, [a alma] seria como se não existisse”.¹

A consciência moral ou espiritual pode ser entendida como sendo o ápice do desenvolvimento da consciência, propriamente dita. Iniciando essa nova etapa evolutiva, o Espírito caminha em direção aos planos angélicos. A consciência moral é também denominada “consciência limpa”, por Paulo de Tarso (I Timóteo, 3:9), a base da manifestação da fé viva.

A conquista da consciência moral indica que, por vontade própria, o homem passa a ser governado por valores morais, criteriosamente aplicados em diferentes

contextos da vida. É pela consciência moral que o Espírito aprende a discernir entre o bem e o mal e, dessa forma, fazer escolhas acertadas ao longo das suas existências, vivenciadas no plano físico ou no espiritual.

Fazer escolhas é direito natural do ser que possui razão e livre-arbítrio. Indica, porém, elevado senso de responsabilidade e de maturidade psicológica o indivíduo que sabe fazer escolhas corretas, que não interferem na liberdade de outrem nem produzem qualquer prejuízo ao próximo. Nessas condições, o ser moralizado é alguém que possui liberdade plena, porque sabe como agir, independentemente de circunstâncias, situação, local ou pessoa. Demonstra também que possui integridade de caráter e inabalável coragem ao assumir as consequências dos seus atos.

A responsabilidade pelas próprias ações demonstra que o Espírito saiu de uma faixa evolutiva anterior e passou a transitar em outra, mais adiantada, onde os seus testemunhos de melhoria espiritual

são mais significativos. Isso nos faz lembrar Paulo, o apóstolo da gentilidade, que afirmou: “Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência”. (II Coríntios, 1:12.)

Interpretando essa sentença, Emmanuel esclarece que o testemunho da consciência para o cristão difere do testemunho da consciência dos que ainda não despertaram para uma realidade moral superior, que a tudo transcende:

Num plano onde campeiam tantas glórias fáceis, a do cristão é mais profunda, mais difícil. A vitória do seguidor de Jesus é quase sempre no lado inverso dos triunfos mundanos. É o lado oculto. Raros conseguem vê-lo com olhos mortais.

Entretanto, essa glória é tão grande que o mundo não a proporciona, nem pode subtraí-la. É o testemunho da consciência própria, transformada em tabernáculo do Cristo vivo.

No instante divino dessa glorificação, deslumbra-se a alma

ante as perspectivas do Infinito. É que algo de estranho aconteceu aí dentro, na cripta misteriosa do coração: o filho achou seu Pai em plena eternidade.²

O despertar da consciência moral é sempre de ordem transcendental, pois permite ao Espírito encontrar Deus, cuja centelha traz abrigada dentro de si, desde a sua criação. Vários são os caminhos que facilitam esse encontro: alguns Espíritos trilharam a estrada das ciências, outros da religião, mas todos chegam ao mesmo ponto, no momento certo.

O Espírito André Luiz elucida, como acontece esse encontro:

Meditação elevada, culto à prece, leitura superior e conversação edificante constituem adubo precioso nas raízes da vida. Ninguém respira sem os recursos da alma. Todos carecemos de espiritualidade para transitar no cotidiano, ainda que a espiritualidade surja para muitos, sob outros nomes, nas ciências psicológicas de hoje que se colocam fora dos conceitos religiosos para a construção de edifícios morais. À vista disso, criar costumes de melhoria interior significa segurança, equilíbrio, saúde e estabilidade à própria existência. Debaixo de semelhante orientação, realmente não mais nos será possível manter ambigüidade nas atitudes.

Em cada ambiente, a cada hora, para cada um de nós, existe a conduta reta, a visão mais alta, o

esforço mais expressivo, a porta mais adequada.

Atingido esse nível de entendimento, não mais é lícita para nós a menor iniciativa que imponha distinção indevida ou segregação lamentável, porque a noção de justiça nos regerá o comportamento, apontando-nos o dever para com todos na edificação da harmonia comum.

Estabelecidos por nós, em nós mesmos, os limites de consciência e conveniência, aprendemos que felicidade, para ser verdadeira, há de guardar essência eterna.³

Com Jesus, a consciência moral traduz-se como conquista do reino dos céus, que nada mais é do que a vivência da lei de amor. Lei que mostra a transitoriedade dos valores mundanos, estimuladores do orgulho, da vaidade e do egoísmo: bens materiais, prestígio social, posição e poder. Lei que for-

nece a segurança e a força moral necessárias para, segundo os ditames do Evangelho, atender a esta solicitação do Cristo: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me”. (Mateus, 16:24.)

É oportuno recordar que, da mesma forma que o desenvolvimento da consciência amplia a visão que a pessoa tem de si mesma e do próximo, o aperfeiçoamento paulatino da consciência moral transforma o ser em pessoa de bem, cujos critérios estão claramente estabelecidos em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XVII. Neste sentido, o espírita conscientemente trabalha incessantemente a sua transformação moral, combatendo as suas imperfeições e adquirindo virtudes, através dos desafios oferecidos pela reencarnação.

O Espírito Irmão X, em instrutiva página existente em *Cartas e Crônicas*, discorre sobre o



A vivência da lei de amor contrapõe-se à transitoriedade dos valores mundanos



tema “consciência espírita”, que pode ser entendido como um estágio mais adiantado da consciência moral. A razão é que, sendo o espírita mais esclarecido sobre a realidade da vida, nos dois planos da existência, tem suas ações guiadas pela fé raciocinada e pelos conhecimentos sobre os problemas da vida e do Universo. Assim, não ignora que o seu comportamento deve ser coerente com as orientações do Evangelho de Jesus e da Doutrina Espírita, as quais, por sua vez, refletem a excelssitude das leis divinas, sobretudo a lei de justiça, de amor e de caridade.

De posse desses recursos – analisa Irmão X – é justo que o espírita guarde “[...] a preocupação de realizar muito e sempre mais, a favor de tantos irmãos na Terra, detidos por ilusões e inibições no capítulo da crença”.⁴

Na obra citada, Irmão X ilustra magistralmente a questão da consciência moral e da consciência espírita, quando relata um episódio ocorrido com Allan Kardec, na fase da organização dos textos de *O Livro dos Espíritos*. Consta que

Kardec se viu fora do corpo físico, durante o repouso, ao lado de um mensageiro dos Planos Sublimes, que o transportou a uma localidade, no plano espiritual, onde o sofrimento era estardecedor: “[...] Soluções de aflição casavam-se a gritos de cólera, blasfêmias seguiam-se a gargalhadas de loucura”.⁴ Atônito, Kardec imaginou, num primeiro momento, que aqueles sofredores poderiam ser os tiranos, governantes e imperadores da História. Talvez fossem os algozes dos cristãos ou os perseguidores do Bem, existentes em todas as épocas, imaginou posteriormente. O mensageiro celestial que o acompanhava informou-lhe, entretanto, que nenhum dos Espíritos citados se encontravam ali. Todos tinham sido encaminhados à reencarnação para os devidos reajustes perante a Lei de Deus.

Diante da sincera emoção de Kardec, que se revelou altamente compadecido pela dor que atingia aqueles sofredores, o Benfeitor espiritual esclareceu, impertubável:

– Temos junto de nós os que estavam no mundo plenamente educados quanto aos imperativos do Bem e da Verdade, e que fugiram deliberadamente da Verdade e do Bem, especialmente os cristãos

infiéis de todas as épocas, perfeitos conhecedores da lição e do exemplo do Cristo e que se entregaram ao mal, por livre vontade... Para eles, um novo berço na Terra é sempre mais difícil... Chocado com a inesperada observação, Kardec regressou ao corpo e, de imediato, levantou-se e escreveu a pergunta que apresentaria, na noite próxima, ao exame dos mentores da obra em andamento e que figura como sendo a Questão número 642, de “O Livro dos Espíritos”: “Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?”, indagação esta a que os instrutores retorquiram: “Não; cumpre-lhe fazer o bem, no limite de suas forças, porquanto responderá por todo o mal que haja resultado de não haver praticado o bem.”⁵ ■

Referências:

¹KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. III, questão 110, p. 216.

²XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 119, p. 253-254.

³XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2, item “Consciência e conveniência” – texto de André Luiz, p. 29-30.

⁴XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas e crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 7, p. 36.

⁵*Idem, ibidem*. p.37-38.

A espiritualidade dos animais

EURÍPEDES KÜHL

Gratificante que esse tema, até pouco tempo tão esquecido, esteja agora visitando e instigando a mente de tantas pessoas, não necessariamente espíritas, mas, ao menos, espiritualistas, querendo saber o que acontece com os animais depois que morrem...

De minha parte e dentro do que conheço do Espiritismo, respondendo a esse questionamento retrocedendo no tempo, partindo da criação dos seres vivos:

– Deus, “[...] a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”,¹ cria sem cessar. Uma de suas criações é o Princípio Inteligente (PI), representado pela mônada² que verte do “Princípio Inteligente Universal” e que, contemplada com a eternidade(!), enceta longa rota evolutiva, estagiando inicialmente no mineral,

a seguir no vegetal, depois no animal, daí ao hominal e, finalmente, no angelical;

– para essa extensa feira de experiências, a fim de atuar sobre a matéria, o Princípio Inteligente utiliza “o concurso de uma força, a que se conveio em chamar fluido vital” e em todas ele estará revestido “de um invólucro invisível, intangível e imponderável [...]”. Esse invólucro denomina-se “perispírito” (apesar de sua materialidade, é bastante eterizado). É formado de matéria cósmica primitiva – o fluido universal;³

– nos três primeiros estágios citados, a pouco e pouco cada PI irá se individualizando, percorrendo infinitos ciclos evolutivos, num e noutro plano da vida (o espiritual e o material), durante os quais será mantido, monitorado e guiado por Inteligências Siderais, responsáveis pela vida, por delegação divina;

– nesses três reinos o PI gradativamente irá sendo equipado, por aqueles Protetores, de instin-

to e “automatismos fisiológicos”,⁴ representando poderosos equipamentos para possibilitar-lhe a sobrevivência, nos rudes crivos que terá de superar, até humanizar-se, quando então, ainda com tais condicionamentos automáticos (que possibilitam o metabolismo), estará equipado de livre-arbítrio, inteligência contínua e consciência;

– à medida que ocorre a sua individualização, na extensa rota de experiências, no reino animal, o PI já é uma alma, “porém inferior à do homem”;⁵ assim sendo, é lícito deduzir que revestindo essa alma há um corpo astral – o perispírito –, sutil, mas ainda material (como já registramos) e sempre mais grosseiro que o do homem.

Tratando-se agora dos três reinos e, em particular, da morte dos animais, Kardec perguntou⁶

¹KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 90. ed. Rio de Janeiro: FEB. Questão 1.

²Mônada: organismo muito simples, que poderia ser considerado uma unidade orgânica. “Mônada celeste” seria a célula espiritual, manifestando-se em “o princípio inteligente (PI) em suas primeiras manifestações”, ou seja, na primeira fase de evolução do ser vivo, “os germes sagrados dos primeiros homens”.

³DELANNE, Gabriel. *A evolução anímica*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. “Introdução”, p. 15-16.

⁴XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. Ed. Especial. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Primeira Parte, cap. 4, p. 39.

⁵KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 90. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 597/597-a.

⁶_____. Parte segunda, cap. XI, “Dos três reinos”.

e obtive respostas claras, não passíveis de segunda interpretação.

Resumindo essas respostas:

– minerais só têm força mecânica (não têm vitalidade);

NOTA: *Quer me parecer que essa força é a que mantém a agregação do átomo, que acompanhará as várias vestimentas físicas do PI em toda a vasta fieira de experiências terrenas.*

– vegetais são dotados de vitalidade e têm vida orgânica (nascem, crescem, reproduzem e morrem), além de serem dotados de instinto rudimentar;

– animais têm instinto apurado e inteligência fragmentária, além de linguagem própria de cada espécie; têm um princípio independente, que sobrevive após a morte; esse princípio independente, individualizado, algo semelhante a uma alma rudimentar, inferior à humana, dá-lhes limitada liberdade de ação (apenas nos atos da vida material); assim, pois, não têm livre-arbítrio; essa “alma”, não sendo humana, não é um *Espírito errante* (aquele que, no intervalo das encarnações, pensa e age pelo livre-arbítrio);

– ao morrer, cada animal é classificado pelos Espíritos disso encarregados; enquanto aguardam breve retorno às lides terrenas, via reencarnação, são mantidos em vida latente e sem contato, uns com os outros; ao serem reconduzidos à nova existência terrena são alocados em *habitats* de suas respectivas espécies.

Aqui encerro o meu (incompleto) resumo do que consta em *O Livro dos Espíritos*.

Respeitáveis autores espíritas, desencarnados, aduziram informações sobre esse tema. André Luiz,

em particular, narra que vários animais são encontrados na Espiritualidade, como por exemplo aves, cães, cavalos, íbis viajores, muarens. Alguns são “escalados” para tarefas diversificadas (cães e cavalos, na maioria das vezes, como se vê, respectivamente, em duas obras:⁷ *Nosso Lar*, cap. 33 e *Os Mensageiros*, cap. 28).

No capítulo XII da citada obra *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz narra que, após a morte, os animais têm dilatado o seu “período de vida latente” no plano espiritual, caindo em pesada letargia, qual hibernação, de onde serão genésicamente atraídos às famílias da sua espécie, às quais se ajustam.

Essa informação considero-a fundamental para o entendimento de como os animais vivem no plano espiritual, tendo Kardec registrado que, após a morte, os animais são classificados e impedidos de se relacionarem com outras criaturas; André Luiz, agora, diz a mesma

coisa, de outra forma, ao mencionar que os animais que não são destacados para alguma tarefa entram em hibernação e logo reencarnam.

Depreendo, assim, que na Espiritualidade os animais não utilizados em vários serviços não têm vida consciente, mas vegetativa, o que responde à pergunta de como vivem lá: sem qualquer relacionamento, uns com os outros. Assim, não havendo ação de predadores inexistem presas; mantidos em hibernação, não se alimentam, não brigam, não reproduzem, não se deslocam.

Como se nota na literatura espírita, as referências sobre animais na Espiritualidade reportam-se, na maioria das vezes, a animais que podem ser denominados biológica e espiritualmente “superiores”. Raríssimas são as notas sobre aves, peixes, insetos ou sobre as incontáveis espécies extintas no Planeta. Igualmente escassas, as anotações sobre a fantástica transição do animal (quais espécies animais?) para o hominal – o “elo perdido”, dos biólogos... Sem nos esquecermos da instigante citação, feita de relance por André Luiz, em *Nosso Lar*, em se referindo à existência, na

Espiritualidade, dos “parques de estudo e experimentação”.

O fato é que existem, sim, tais anotações, porém, o espaço disponível para meu texto não comportaria mais informações sobre a espiritualidade dos animais. ■

⁷Ambas as obras de André Luiz, autor espiritual, com psicografia de Francisco Cândido Xavier. Ed. FEB.

A magnitude da fé em **nossas** vidas

ADÉSIO ALVES MACHADO

Quando Ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos aos seus pés, disse:

Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois cai muitas vezes no fogo e, muitas vezes, na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar.

Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui este menino.

E, tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são.

Os discípulos, então, vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio?

Respondeu-lhes Jesus: Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: transporta-te daí

para ali e ela se transportaria e nada vos seria impossível. (Mateus, 17:14-20.)

Muito significativa essa passagem de Jesus.

A parábola da figueira que secou é outra demonstração deixada por Jesus para refletirmos seriamente sobre a fé, encontrada em Lucas (13:6-9). Nela, passamos a ver o homem na figueira que foi plantada, mas que não frutificou. Assim é o religioso que se diz cristão, mas em verdade, não mostra seus “frutos”.

Todos os homens, deliberadamente inúteis por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

Pedro, ao não conseguir andar sobre as águas, mereceu de Jesus uma advertência quanto à sua falta de fé, em Lucas (8:25). Quantos de nós não nos amedrontaríamos, como o fez Pedro, e também afundaríamos!?

Tomé, em João (20:24), não acreditou no reaparecimento de Jesus após a sua crucificação. Tor-

nou-se, por isso mesmo, até hoje, um símbolo da falta de fé. Essa passagem é sempre lembrada por todos quantos desejam enfatizar a ausência da fé na criatura.

Jesus, em várias de suas lições, querendo destacar a significativa importância da fé, mostrou, com sua exemplificação, que será necessário ao homem acreditar nas próprias forças, o que o tornará capaz de executar certos feitos materiais. Quem duvida é um pessimista e se vê impossibilitado de crescimento moral. Se não acreditarmos que somos capazes de amar até os inimigos, de que adianta afirmar que acreditamos em Jesus? Estabeleceria, por acaso, Jesus um objetivo educativo para nós impossível de ser alcançado? Como ficaria sua condição de Mestre dos mestres?

Tiago, em sua Carta (2:14), foi extraordinário quando se referiu à associação que deve existir entre a fé e as ações da criatura, ao afirmar que “[...] nenhum proveito existe, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras. Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” ▶

Uma realidade fica patente: da fé vacilante resulta a incerteza, a dúvida; já a fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, nas grandes como nas pequenas tarefas.

Quem acredita no tratamento a que está submetido – dizem os entendidos – está com meio caminho andado para curar-se. Todavia, quem não acredita...

Inquestionavelmente, são a fé e o amor os dois fundamentais instrumentos de trabalho do espírita.

“A fé é a garantia do que se espera, a prova das realidades invisíveis”, testificou Paulo, em Carta aos Hebreus (11:1). E ele sabia, perfeitamente, do que falava, pois sem essa virtude, teria fracassado em sua missão de ser o maior divulgador do Cristianismo nascente.

A força e o poder da fé se transmitem à prece, enunciada com emoção e sinceridade. A prece é a manifestação mais pura do diálogo entre o homem e Deus.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma, facultando a paciência que sabe esperar.

A confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui, porém, unicamente no sentido moral se devem entender tais palavras. As montanhas que a fé, exaltada por Jesus, desloca, são as

dificuldades, as resistências, a má vontade; em suma, tudo com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas.

Como se adquire a fé inabalável? Através do conhecimento que se obtém com o estudo dos postulados da Doutrina Espírita, que não arregimenta, em suas fileiras, crentes devotos, mas homens de fé raciocinada.

Seja, portanto, inabalável a nossa fé, alicerçada nos postula-

A “preceterapia” é hoje testada por estudiosos do assunto, renomados homens de ciência. Servindo-se de um número de pacientes portadores da mesma enfermidade, chegaram à conclusão de que em dois grupos, um com 192 enfermos e outro com 214, o número maior dos que apresentaram resultados positivos, após tratamento, foram justamente os que nele acreditavam, e, conseqüentemente na cura. O mais importante de tudo: igual tratamento foi dispensado a todos.

Relevante é “[...] não confundir a prece com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade [...]” (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIX – que serviu de base para este artigo –, item 4.) Aquele que a tem deposita mais confiança em Deus do que em si mesmo, porque sabe que nada lhe é possível sem a ação de Deus.

Com a fé pulsante em seu interior, o homem movimenta seu magnetismo atuando sobre o fluido, o agente universal, modificando-lhe as qualidades e lhe dando uma impulsão irresistível. É sempre a fé dirigida para o bem que pode operar os chamados, equivocadamente, “milagres”.

A fé pode ser raciocinada ou cega. A espírita é raciocinada. A fé cega, levada ao excesso, conduz ao fanatismo, ao “homem-bomba”. A fé cega imposta é sinal de



Acreditar no tratamento é o primeiro passo para curar-se

dos fundamentais do Espiritismo: Deus, Espírito, imortalidade da alma, reencarnação, mediunidade, pluralidade dos mundos habitados, lei de ação e reação, lei da evolução, prática da caridade, vivência do Evangelho de Jesus, e outros.

confissão de impotência para demonstrar que se está de posse da verdade. A fé não se prescreve nem se impõe.

A fé não procura ninguém, é ao homem que compete buscá-la, encontrá-la. Quem a procurar sinceramente não deixará de encontrá-la. Ensina Allan Kardec:

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século [...]. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIX, item 7.)

A criatura deve crer, porque tem certeza, apoiando-se nos fatos e na lógica. Somente tem certeza porque compreendeu.

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”, é o que encontramos no livro acima citado.

Sob o título “A fé: mãe da esperança e da caridade”, o Espírito protetor José afirma:

Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

.....
A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma [...]. (Op. cit., item 11).

Preguemos pelo exemplo de nossa fé.

Não admitamos a fé sem comprovação: fé cega é filha da cegueira. Amemos a Deus, mas sabendo porque o amamos; acreditemos em suas promessas, mas sabendo porque acreditamos; sigamos os seus conselhos, mas compenetrados do fim que nos é apontado e dos meios que nos são trazidos para o atingir.

Precisamos colocar a vontade a serviço dessa força que todos trazemos – a fé, que é ainda tão pouco utilizada.

A fé é humana e divina.

Se todos nos achássemos persuadidos da força que em nós trazemos, e se quiséssemos pôr a vontade a serviço dessa força, seríamos capazes de realizar o que hoje é considerado prodígios mas que, no entanto, não

A fé é humana e divina.
Exemplifiquemos a
nossa fé

passa de um natural desenvolvimento das faculdades humanas.

A certeza na obtenção de algo é resultado da vontade de querer e a certeza de que esta vontade pode obter satisfação.

É a fé que conduz a Deus. Deve ser, portanto, ativa para ser proveitosa.

Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade. Assim, preconizar a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão.

Pondera o Codificador:

[...] A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo. (Op. cit., cap. XIX, item 3.)

A fé, saibamos em definitivo, não se impõe nem se prescreve. Ela é adquirida e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Hoje ou amanhã, nesta ou noutra encarnação, todos a possuirão. ■





A FEB e o Esperanto

Apresentação de *A Gênese* para o mundo esperantista

Reproduzimos abaixo o texto com que apresentamos, em maio de 2002, sob o título “Palavra do Tradutor”, nossa versão em esperanto de *A Gênese* (*La Genezo*), assim também homenageando a passagem do 140º ano de sua publicação, em 6 de janeiro de 1868

AFFONSO SOARES

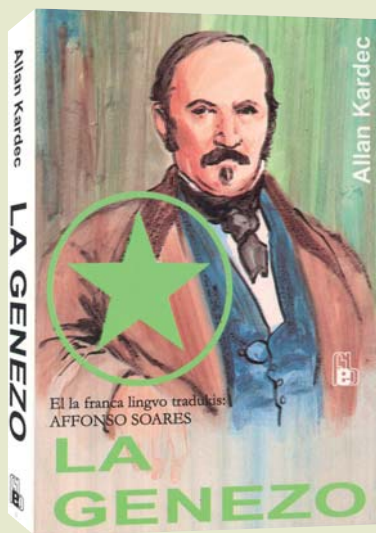
“**A** *Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* é a última, em ordem cronológica, das cinco obras fundamentais da Revelação Espírita, escritas por seu sistematizador, Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869). Foi publicada em 1868, quando um já respeitável Movimento crescia sob sua orientação e sob a influência das outras obras fundamentais, muito popularizadas, a saber: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864) e *O Céu e o Inferno* (1865).

Antes de se dedicar à importante missão de compilador e sistematizador das revelações provenientes do mundo invisível, Allan Kardec já havia conquistado honrosa reputação de pedagogo com fecundas contribuições, oficialmente reconhecidas, para o melhoramento do ensino na França.

Sobre o conteúdo desta obra podemos afirmar, sem hesitação, a sua atualidade essencial, não obstante o fato de que, em razão do progresso das ciências após seu lançamento em 1868, muitas idéias,

teorias e princípios nela desenvolvidos tiveram de ceder espaço a novas formulações construídas sobre pesquisas, observações, sondagens mais perfeitas do ponto de vista técnico. O próprio autor, com clarividente previsão, chama a atenção do leitor para esse fato. Mas no que diz respeito ao campo exclusivo, específico, de uma ciência espírita ainda não reconhecida, tudo respira novidade, frescor, sobretudo lógica e racionalidade, pois em *A Gênese* são estudados os elementos os quais dão consistência a essa força inquestionável da Natureza que é o mundo invisível,

de onde todo homem vem ao mundo corporal pelo nascimento e para onde fatalmente retorna pela morte, até que, por um progresso ininterrupto,



Capa do livro *A Gênese* em esperanto

ingresse em nova fase de evolução que não mais exija reencarnações sucessivas em mundos grosseiros.

Em contraposição às escolas religiosas tradicionais, Allan Kardec reconhece o papel da Ciência na formulação da verdadeira Gênese, em harmonia com as leis da Natureza, sem, entretanto, repelir radicalmente as antigas concepções e interpretações, principalmente as da *Bíblia*, que ele enxerga envolvidas na alegoria, a ocultar verdades sublimes. Suas afirmativas abaixo, entre outras, definem claramente, a este respeito, um dos traços característicos da Revelação Espírita: “[...] Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha” e “[...] Uma religião que não estivesse, por nenhum ponto, em contradição com as leis da Natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável”.

Embora *A Gênese* focalize particularmente o traço, ou aspecto, científico da Doutrina Espírita, nela, todavia, estão desenvolvidos seus outros traços, indissociáveis, isto é, o filosófico e o moral, os quais fluem, de modo natural e conseqüente, dos elementos, por assim dizer, “físicos” da revelação.

Como esperantista-espírita, sinto-me particularmente feliz pelo fato de que a Federação Espírita Brasileira, com esta publicação, conclui um projeto iniciado em 1946 com o lançamento de *La Libro de la Spiritoj*: a publicação, em esperanto, do chamado Pentateuco Espírita. Expresso, portanto, meu



Prof. Dr. Benedicto Silva em 1974

agradecimento, de todo o coração, a essa mais do que centenária Instituição, em nome do mundo esperantista, a que ela tem prestado bons serviços desde 1909, ano em que seu órgão oficial, a revista *Reformador*, publicou um artigo sobre a Língua Internacional Neutra, seu Movimento e seus ideais.

Também manifesto especial agradecimento a meu querido mestre e amigo, o culto lingüista, tradutor, competente esperantista, Prof. Dr. Benedicto Silva, da cidade de São José do Rio Preto (SP), que, com sacrifício e boa vontade, examinou o texto integral da tradução, assim possibilitando que ele surgisse digno da criação genial do Dr. Lázaro Luís Zamenhof.” ■



Cursos de Esperanto na Sede Seccional em 2008

Serão abertas neste mês, após a semana do carnaval, as inscrições para os seguintes cursos gratuitos da Língua Internacional Neutra:

- **Elementar:** 4^{as} feiras (15h45 às 17h)
- **Aperfeiçoamento:** 6^{as} feiras (16h30 às 18h30)
- **Estudos Doutrinários em esperanto:** 2^{as} feiras (14h30 às 16h30)

Atendimento na Secretaria da FEB, no horário comercial.

Av. Passos, 30 – Rio de Janeiro (RJ) – Tel.: (21) 3078-4747

Honório Onofre de Abreu

Nasceu em Belo Horizonte (MG) no dia 12 de junho de 1930. Seus pais foram Joaquim Honório de Abreu e Ana Maria Abreu. Compunha uma irmandade consangüínea de sete irmãos, a saber: Osvaldo, Lúcio, Florival, Carlos Alberto, Humberto, Maria Amélia e Ângela Helena. Teve por esposa Nilza Ferreira de Abreu, que lhe sobrevive e, anonimamente, por força de seu temperamento, vida afora,

constituiu-se inegavelmente no grande sustentáculo doméstico de nosso biografado. O querido irmão vez por outra dizia: “Costumamos externar que o cônjuge que permanece na retaguarda não pertence ao Movimento Espírita, quando na realidade tem papel destacado no contexto. Eliane e Denise compõem como filhas o núcleo familiar.

Exerceu várias atividades, mas a profissão que desempenhou por mais tempo foi a de bancário, integrando o quadro de funcionários do Banco do Brasil. Naquele estabelecimento de crédito desempenhou, em altos cargos, papéis importantes.

Assim que se aposentou, em 13 de novembro de 1977, passou a dedicar-se integralmente ao Movimento Espírita, dispensando propostas vantajosas do ponto de vista profissional. Após 30 anos exatos, ou seja, a 13 de novembro de 2007, nosso já saudoso companheiro veio a desencarnar na capital mineira, tendo sido sepultado às 11 horas do dia seguinte à sua desencarnação, no Cemitério da Paz.

Honório não perlustrou nenhuma escola dita

superior. Entretanto, impressionava pela sua versatilidade cultural. No relacionamento de rotina mostrava-se prático e eficiente. Mas foi como militante espírita-cristão autêntico que ele mais se destacou. Verdadeiro PHD na arte de demonstrar amor ao próximo. Sua proverbial lhanza e ternura foram-lhe traços característicos, decantados de Norte a Sul. A corroborar, a farta correspondência e os registros da imprensa espírita de todo o país.

Dois temas constituíram-lhe as “meninas dos olhos”: “A Evolução” e “O Estudo Minucioso do Evangelho”. Deixou dezenas de fitas gravadas correspondentes aos temas mencionados, principalmente através de análises de *Gênesis* e do Apocalipse, na *Bíblia*. Legou-nos a valiosa obra *Luz Imperecível* já em sua 5ª edição UEM, cuja divulgação ocorre em países das Américas e da Europa.

Honório sempre primou pela simplicidade do bem. Dizia, muito mais à guisa de imperceptível lição, que o fato de ter percorrido o País na difusão evangélico-doutrinária conferiu-lhe grande aprendizado. Teve oportunidade de dormir em locais inusitados



como em meio a mercadorias, em armazém. Afirmava que passou a priorizar roupas de uso pessoal cujos tecidos independiam ou dependiam pouco de ter que ser passadas a ferro, para não ocasionar trabalho às donas-de-casa onde pernoitava na maioria das vezes.

Sempre estive ligado ao Movimento Espírita federativo, sendo exemplar a sua conduta também neste setor. Era respeitoso e solícito ante a Federação Espírita Brasileira e no relacionamento com coirmãos estaduais.

No Movimento Espírita mineiro, jamais deixou de atender a todas as instituições espíritas, vendo nelas a razão de ser da dinâmica espírita.

Juntamente com outros valerosos confrades, fundou em 1957 o Grupo Espírita Emmanuel, o qual dirigiu com proficiência e acendrado amor, fazendo daquela Casa referência em perseverança e operosidade qualificada.

Honório escreveu páginas brilhantes como tarefeiro espírita, em que a coerência, a abnegação foram traços marcantes. Há incontáveis ângulos à nossa disposição para falarmos de quem venceu pelo exemplo. Nosso homenageado está inserido entre os cristãos autênticos, que merecem ser reverenciados, tendo em vista que a exemplificação é que arrasta. Rogamos a Jesus, o Divino Amigo, cobri-lo com as suas bênçãos. ■

Fonte: União Espírita Mineira.

Ouve, coração

Perguntas, coração,
Como sanar as dores sem medida,
De que modo enxugar a lágrima incontida
Sob nuvens de fel e de pesar!...
Recordemos o chão...
Quando o lodo ameaça uma estrada indefesa,
Em cada canto roga a Natureza:
Trabalhar, trabalhar.

Fita o aguaceiro que se fez tormenta.
Ao granizo que estala, o vento insulta;
Seio de mágoas que se desoculta,
A terra, em torno, geme a desvairar...
Mas, finda, a longa crise turbulenta,
Sobre teto quebrado, pedra e lama,
Renasce a paz do céu que vibra e chama:
Trabalhar, trabalhar.

Ressurge, inalterado, o sol risonho,
Não pergunta se o mal ganhou no mundo,
A tudo abraça em seu amor profundo,
A criar e a brilhar!
Recebe cada flor um novo sonho,
Cada tronco uma bênção, cada ninho
Canta para quem passa no caminho:
Trabalhar, trabalhar.

Assim também, nas horas de amargura,
Enquanto a sombra ruge ou desgoverna,
Pensa na glória da Bondade Eterna,
Acende a luz da prece tutelar!
E vencerás tristeza e desventura,
Obedecendo à voz de Deus na vida
Que te pede em silêncio, à alma ferida:
Trabalhar, trabalhar.

Maria Dolores

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Antologia da espiritualidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 11, p. 41-42.

Interdependência dos seres

IVONE MOLINARO GHIGGINO

Quando Jesus nos trouxe o mandamento maior – “Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo” –, ficou definitivamente firmada a certeza de que somos todos irmãos, e que devemos nos unir pelos laços da fraternidade, filha do Amor.

A própria Criação divina nos demonstra que estamos, todos os seres*, ligados uns aos outros, necessitando uns dos outros para evoluir e crescer juntos.

*Segundo o Dicionário Houaiss: ser: “tudo o que existe, tudo o que foi criado por Deus”.

Vejamos alguns exemplos: a terra e a água alimentam os vegetais; o vento também coopera, permutando sementes e pólen; os animais e o homem usam o sal, a água, além de material para abrigo (barro, pedra etc.) Os vegetais protegem da erosão o solo das encostas, produzem a fotossíntese, servem de alimento e remédio para animais e homens, fornecendo, ainda, elementos para fabricação de utensílios, construção e aquecimento (madeira, fibras, carvão vegetal etc.) Os animais produzem o esterco, que fertiliza a terra; pássaros e abelhas polinizam as plantas; minhocas afofam o solo para as raízes, e produzem o húmus; servem de alimento ao homem, ajudam na sua proteção (cães) e transporte. Muitos outros exemplos haveria dessa intercooperação...

Abelhas polinizam plantas

Afirma o Espírito Emmanuel:

A Natureza, em toda parte, é um laboratório divino que elege o espírito de serviço por processo natural de evolução. (*Fonte Viva*, psicografia de Francisco C. Xavier, cap. 82, “Quem serve, prossegue”.)

E o ser humano?

Criado simples e ignorante (*O Livro dos Espíritos*, questão 115), o Espírito necessita de encarnações sucessivas para adquirir experiência e desenvolver as “duas asas”: a do conhecimento, que vai disciplinar a sua mente, e a da virtude, que disciplinará seu coração, ensinando-o a bater ao compasso da melodiosa máxima de Jesus – a Lei de Amor. E, progredindo, caminhará o Espírito para a perfeição relativa (nunca será igual a Deus, o Divino Criador) e para a felicidade plena, que tanto almeja.

Nesse caminhar, necessário se faz seguir a lei de Deus, ensinada por Jesus, e que a Doutrina Espírita tão bem desenvolve na Parte

terceira de *O Livro dos Espíritos*, sob o título “Das leis morais”, as quais tratam das relações do homem com Deus, com seus semelhantes e consigo mesmo; leis essas que estão indelevelmente inscritas na consciência. (Op. cit., questão 621.)

A fim de seguirmos o caminho da evolução, precisamos uns dos outros, pois o homem é um ser de relação “biopsíquico-sociocultural-espiritual”, não devendo viver em isolamento (Op. cit., questões 766, 768 e 777.)

Assim, verificamos sua interdependência, seja materialmente (aptidões e faculdades diferentes, gerando conhecimentos e profissões distintas, das quais todos precisamos para nossa sobrevivência e nosso bem-estar), seja espiritualmente (para pormos em prática a fraternidade, pois é através desse convívio, nem sempre harmonioso, que alcançamos conquistas novas de aprendizado e reparações).

Na realidade, todos os companheiros de romagem no corpo físico são nossos grandes cooperadores. Se mais adiantados do que nós, andam conosco, amparando-nos e ensinando-nos pela palavra e pelo exemplo eficaz. Se esses companheiros estão em nível evolutivo igual ao nosso, ou ainda na nossa retaguarda, será através deles que cresceremos muito, pois não raro nos propiciam as dificuldades imprescindíveis à nossa melhoria. Recorde-



O homem gerou profissões distintas, das quais todos precisamos para a sobrevivência e o bem-estar

mos o Instrutor Alexandre em *Missionários da Luz* (psicografia de Francisco C. Xavier, pelo Espírito André Luiz, cap. 13, 43. ed. FEB. p. 243): “[...] a tempestade é nossa benfeitora; a dificuldade, nossa mestra; o adversário, instrutor eficiente [...]”.

Os resgates que nos tocam vêm, quase sempre, através deles...

O mesmo se aplica entre os dois planos da vida, quando, pela oração, pelo aconselhamento, pelo trabalho edificante e pelo exemplo no bem, a ajuda se faz.

Como crescer, pois, mediante essa interdependência? Amando incondicionalmente, como nos disse Jesus.

Façamos uma honesta viagem interior, para analisar e conhecer

nosso mundo íntimo, a fim de obtermos a identificação de nossos erros de pensamento e sentimento, dedicando-nos firmemente a corrigi-los. Desse modo, seremos capazes de ver os outros homens realmente como irmãos, de acordo com a orientação do Mestre amado, reconhecendo que “[...] somente nas atividades do bem para o bem dos outros é que nós garantiremos a vida e a continuidade de nosso próprio bem”. (*Seara dos Médiuns*, psicografia de Francisco C. Xavier, cap. “Pequeninos, mas úteis”, p. 73.)

Lembre-mos sempre: tudo é harmonia, serviço e cooperação no Universo! Ninguém cresce sozinho! ■



● III Encontro Nacional de Coordenadores do ESDE

No período de 25 a 27 de julho de 2008, a Federação Espírita Brasileira (FEB) estará realizando em sua sede, em Brasília, o encontro acima mencionado.

O eixo temático está baseado em: 1) Atos dos Apóstolos (8:31) “Como poderei entender se alguém não me ensinar?”; 2) Paulo (Romanos, 2:21) “Tu, pois, que ensinas a outro não te ensinas a ti mesmo?”. Os coordenadores e monitores do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) serão o público-alvo.

Cada Federativa poderá enviar até 4 representantes para o evento (3 para o ESDE e 1 para o EADE), que tem como objetivos, entre outros, “avaliar as metas estabelecidas no II Encontro Nacional” e “apresentar o conteúdo do programa desenvolvido no EADE”.

A Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, lançada em novembro de 1983 pelo Conselho Federativo Nacional da FEB, está comemorando 25 anos; daí a importância da participação no Encontro, oportunidade ímpar para troca de experiências, visando o aprimoramento das ações para dinamização da referida Campanha.

● Ceará: Congresso e Encontro de Evangelizadores

A Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC) promoveu o XI Congresso Estadual Espírita do Ceará nos dias 30 de novembro, 1º e 2 de dezembro de 2007, com a participação do presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), Nestor João Masotti. Em seguida, a FEEC realizou no dia 9 de dezembro, nas dependências do Lar Fabiano de Cristo, o I Encontro de Evangelizadores Espíritas.

● Distrito Federal: 150 anos da *Revista Espírita*

A Comunhão Espírita de Brasília realizou o primeiro evento em comemoração aos 150 anos de publicação da *Revista Espírita*, fundada por Allan Kardec.

No dia 10 de dezembro de 2007, houve um seminário dos alunos do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), tendo por tema “Kardec e a *Revista Espírita*”, com desenvolvimento pelo diretor da FEB Antonio Cesar Perri de Carvalho, encenação de peça de época entremeada com apresentação de filmes sobre alguns artigos da Revista. Outras informações: www.comunhaoespirita.org.br

● Alagoas: 100 anos da Federação

A Federação Espírita do Estado de Alagoas completa 100 anos em 2008. Para celebrar a data programou uma série de eventos durante o mês de janeiro, correspondentes ao tema central “100 anos com Jesus e Kardec, iluminando consciências”. No dia 6 de janeiro foi realizada sessão comemorativa na Federação. Proferiram palestras públicas, no dia 11 de janeiro, Divaldo Pereira Franco, no Ginásio do Sesi, e, no dia 12 de janeiro, o presidente da FEB, Nestor João Masotti, no Teatro Gustavo Leite.

● Pernambuco: Encontro Estadual

A Federação Espírita Pernambucana promoveu o INTECEPE – Integração dos Centros Espíritas de Pernambuco –, em Recife, nos dias 19 e 20 de janeiro, com atuação do diretor da FEB Antonio Cesar Perri de Carvalho e Célia Maria Rey de Carvalho, que desenvolveram seminário sobre o “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012)”.

● Rio de Janeiro: CEERJ na luta contra a AIDS

O Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ) compareceu à celebração do Dia da Luta Contra a AIDS, estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), a convite do Ministro de Estado da Saúde, José Gomes Temporão, e do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eusébio Oscar Scheid. O evento ocorreu no dia 1º de dezembro de 2007, às 16 horas, no Santuário Cristo Redentor do Corcovado.

LIVRO ESPÍRITA

Sua fonte de estudo doutrinário.



O *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita* tem por objetivo propiciar conhecimentos gerais sobre o Espiritismo de forma séria, regular e contínua.



Manual de Apoio com as diretrizes doutrinárias, administrativas e legais para o funcionamento do SAPSE.



Oferece ao evangelizador valiosos recursos para o desempenho da tarefa de colocar crianças e jovens em contato com a mensagem do Cristo e com os ensinamentos do Espiritismo.



Orientações e material de apoio, elaborados e disponibilizados pelos órgãos federativos e de unificação do Movimento Espírita, para as atividades das instituições espíritas.



Coleção *León Denis*



O porquê da vida

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Com o objetivo de responder a estas questões, o autor fala sobre espírito e matéria, reencarnação, justiça e progresso, entre outros temas. O livro contém, ainda, correspondência inédita de Laváter, cientista europeu, sobre a vida futura; e, ainda, uma novela intitulada "Giovana".



RS\$22,00

O grande enigma



"Nas horas pesadas da vida, nos dias de tristeza e de acabrunhamento, leitor, abre este livro! Eco das vozes do Alto, ele te dará coragem; inspirar-te-á a paciência e a submissão às leis eternas!". Assim escreveu o autor na introdução – "Ao Leitor" – desta obra, que nos fala do homem e da lei do destino.

RS\$25,00